

Projecto Fábrica Sampaio Ferreira

Resposta ao concurso Desafios Urbanos'16, seguido de uma reflexão sobre intervenções em edifícios industriais.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto 2017

Autor: Joana Francisco Tomaz
Docente Orientador: Professor Manuel Graça Dias

Nota:

Por opção da autora, o corpo de texto da presente Dissertação, escrito em português, não obedece ao novo Acordo Ortográfico.
Todas as citações na presente Dissertação são apresentadas nas respectivas línguas originais.

*Aos meus pais,
ao meu irmão,
ao Francisco*

Resumo

A presente Dissertação esclarece o processo de desenho de um exercício de projecto para a requalificação da antiga fábrica Sampaio Ferreira, situada em Riba de Ave. O projecto foi realizado a propósito da participação no concurso, dirigido a Arquitectos e Estudantes, Desafios Urbanos'16.

O trabalho influenciado pela condição programática e do lugar, aprofunda a relação entre o complexo da antiga fábrica e a Vila onde se insere, considerando o seu valor patrimonial e a sua presença na memória colectiva da população. O carácter industrial suscitou a reflexão acerca da intervenção nestes complexos, tendo ainda procurado inspiração na forma plástica associada a estas estruturas industriais.

Abstract

The present Dissertation proposes to clarify the drawing process of a design exercise for the requalification of the factory Sampaio Ferreira, located in Riba de Ave. This project was developed as a contest entry proposal, directed both to Architects and Students, Desafios Urbanos'16.

Influenced by the program and location, this essay explores the relation between the old factory's complex and the Village where it is set, taking into consideration its patrimonial value and its presence in the collective memory of the population. The industrial esthetic was a starting point for a reflection on how to intervene in this type of buildings, taking inspiration in the visual form associated to these industrial structures.

Projecto Fábrica Sampaio Ferreira

Resposta ao concurso Desafios Urbanos'16, seguido de uma reflexão sobre intervenções em edifícios industriais.

11 Introdução

A Condição

19 *Programa*

23 *Lugar*

33 *Terreno*

43 *Caso de Estudo*

55 *Objecto*

A Intervenção

67 *Relação urbana*

75 *Percursos/Circulações e Praça*

81 *Cafetaria/Estacionamento*

83 *Museu*

91 *Edifício Polivalente*

97 *Sala de reservas*

101 *Sala de documentação*

105 *Peças Desenhadas*

109 *Peças apresentadas a concurso*

117 Considerações Finais

121 **Bibliografia**

125 **Autoria e proveniência das imagens**

Introdução

A presente Dissertação de Mestrado pretende reflectir sobre a proposta elaborada a propósito do “Concurso de Ideias Desafios Urbanos’16”¹, que teve como objecto a reabilitação da Fábrica Sampaio Ferreira e Cia. Lda., situada em Riba de Ave. O respectivo projecto, realizado durante um período de três meses, reflectiu sobre o contexto do lugar, aceitando, como tema central do seu desenvolvimento, a condição dos edifícios existentes e a sua mutação, necessária, em prol das várias circunstâncias programáticas. Respondendo ao enunciado proposto e questionando a condição do conjunto edificado como ponto de referência na estrutura urbana da vila, revê-se o complexo fabril na sua condição patrimonial para a Vila de Riba de Ave.

Esta fábrica foi uma das principais peças industrializadoras da região do Vale do Ave no início do século XX. O seu fundador, o industrial e filantropo Narciso Ferreira (1862-1933) foi responsável por um grande desenvolvimento da Vila de Riba de Ave, tendo mandado construir o actual Hospital Narciso Ferreira, o Posto de Correios, o Cineteatro Narciso Ferreira, o Mercado, o Quartel de Bombeiros e ainda cinco bairros operários. O complexo fabril tem, como tal, um valor patrimonial e sentimental na comunidade. Em 1944 foi criada uma Fundação com o seu nome e em 1987 o museu MIT (Museu da Indústria Têxtil)². Pretende-se que este último seja transferido para o complexo em questão, constituindo, assim, a sua reabilitação, no programa do concurso.

O objectivo seria desenvolver um projecto de reabilitação reflectindo sobre como intervir neste tipo de complexos industriais, bem como, atendendo à sua condição no lugar, responder às necessidades actuais. Tratava-se, pois, de o papel de um edifício crucial no desenvolvimento da Vila, e representativo da história daquela população, no tocante à sua situação contemporânea.

A participação neste concurso, no qual a proposta que desenvolvemos e que serve

1. O concurso de ideias Desafios Urbanos’16 foi promovido pelo portal Espaço de Arquitectura, um portal electrónico sediado em Guimarães (www.espacodearquitetura.com). Contou, ainda, com o patrocínio das entidades, Alucobond, CS-Telhas, Love, Margres e Sá Castro e com o apoio institucional da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Foi lançado no dia 03-10-2016 e dirigido a arquitectos e estudantes de Arquitectura.

2. O Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave foi fundado em 1987 como um projecto de investigação em arqueologia industrial, com o objectivo de estudar o processo de industrialização da região do Vale do Ave e contribuir para a preservação do seu património industrial. (<http://www.museudaindustriatextil.org>)

CONCURSO
DE ARQUITETURA

DESAFIOS URBANOS'16

REABILITAÇÃO
URBANA

RIBA D'AVE

CERTIFICADO

Certifica-se que,

Joana Francisco Tomaz

participou no **Concurso de Ideias DESAFIOS URBANOS'16**,
promovido pelo Portal Espaço de Arquitetura, na categoria de Estudante,
com a proposta CE.DUI6.002, à qual foi atribuída pelo Júri por unanimidade,
o prémio de **PRIMEIRO CLASSIFICADO**.

Arq.ta. Francisca Magalhães

Arq.ta. Graça Correia

Prof. Álvaro Domingues

ORGANIZAÇÃO PATROCÍNIOS



de base à reflexão saiu vencedora na categoria “estudante”, será explicitada durante a presente Dissertação.

A primeira parte da Dissertação, intitulada “A Condição”, aborda temas circundantes ao projecto de arquitectura. Os diferentes textos do capítulo procuram ilustrar o conjunto de condicionantes sobre as quais partiu o projecto.

“Todo o homem cria formas, todo o homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância, ou ainda, a organização do espaço sendo condicionada é também condicionante.” (Távora, 2006, 73)

O primeiro texto trata do tema do programa. A confrontação com o programa estabeleceu a primeira aproximação ao projecto. Neste caso, por se tratar de um concurso, o programa representa também, o papel de cliente, a interpretação deste definiu por isso um ponto marcante no projecto.

O texto sobre o lugar, procura transmitir o contexto geográfico onde a antiga fábrica se insere e, por aí, perceber as circunstâncias do seu surgimento. É a condicionante que circunscreve a pertinência do programa e da revitalização deste terreno em específico. A análise do território permitiu, estabelecer relações de património entre a Vila e a antiga fábrica e identificar o papel desta na formação de uma centralidade urbana em Riba de Ave.

No seguimento da apresentação da Vila, descreve-se o terreno alvo de reabilitação. Especificamente os edifícios que o compõem e as características mais relevantes, respectivas ao enquadramento dos volumes existentes. Esta descrição provem da análise dos desenhos de levantamento e visitas ao terreno.

Posteriormente, apresenta-se um caso de estudo, a antiga fábrica de cortiça Robinson, situada em Portalegre, que foi alvo de um projecto de reabilitação e reconversão em museu. O projecto é da autoria dos arquitectos Eduardo Souto de Moura e Graça Correia, e pelo contexto, que se mostra semelhante ao da fábrica Sampaio Ferreira, mostrou-se pertinente no auxílio à concretização deste projecto.

Partindo deste exemplo, analisamos ainda uma das referências do respectivo caso de estudo, que partindo do trabalho do casal Becher, relaciona o complexo com um

tipo industrial preciso e reflecte sobre as implicações dessa condição, partindo da premissa que um edifício pode ser interpretado como um objecto (arquitectónico) na paisagem, e que, como tal, tem qualidades formais e plásticas, que vão para além da sua funcionalidade.

O capítulo termina com uma reflexão sobre a atitude e condição para a reabilitação destes volumes industriais, que estão presentes em vários pontos do país.

O segundo capítulo, “A Proposta”, é dedicado à apresentação da participação no concurso referido anteriormente. Num primeiro momento é descrita a estratégia adoptada, abordando as intenções do projecto na sua relação com a Vila e com a distribuição do novo programa. De seguida, percorrem-se os vários elementos do programa que, por sua vez, foram suscitando os diferentes temas de projecto, bem como moldando o modo como os mesmos foram sendo interpretados e adequados às varias espacialidades disponíveis.

Deste modo, esta Dissertação pretende ser uma síntese de todo o percurso académico, culminando num exercício de projecto final, que convoca não só respectivos temas de desenho, mas também uma leitura das condicionantes de um contexto particular e que se quer como que uma transição entre o ciclo de estudos que agora termina e a futura prática profissional.

A Condição

Programa

O programa lançado pela entidade organizadora do concurso propunha que a Fábrica Sampaio Ferreira recebesse o Museu da Indústria Têxtil, provisoriamente instalado na antiga Fábrica de Fiação e Tecelagem de Lã, Lanifícia do Outeiro, Lda., também em Vila Nova de Famalicão.

Actualmente, este Museu conta com serviços educativos e centro de documentação, fazendo estes *itens* também parte do novo programa;

Constava também a exigência do desenho de uma “praça”, um vazio que permitisse a reintegração dos edifícios da antiga Fábrica Sampaio Ferreira na malha urbana da Vila. De certo modo, o lançamento deste concurso visava abrir espaço de discussão sobre o desenvolvimento de Riba de Ave através da reabilitação deste complexo fabril.

“Face à dimensão da Fábrica Sampaio, Ferreira e Cia. Lda. e à constatação da necessidade de, por um lado, transferir o Museu de Indústria Têxtil – MIT para um local adequado ao desempenho da sua função, por outro, criar espaços públicos, considera-se inevitável dar resposta a um programa obrigatório.”³

O Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave foi fundado em 1987 como um projecto de investigação em arqueologia industrial, com o objectivo de estudar o processo de industrialização desta região e contribuir para a preservação do seu património industrial. O Museu é responsável pela conservação e restauro de equipamentos e maquinaria de interesse arqueológico-industrial, bem como a recolha e conservação de documentação histórica, projectos de história oral, edição regular de publicações (catálogos de exposições, um boletim informativo, a revista *Arqueologia Industrial*, publicada desde 1987 e actualmente a única revista científica nesta área publicada em Portugal), seminários, conferências e cursos sobre património industrial.⁴

3. Regulamento do Concurso de Arquitectura Desafios Urbanos'16 fornecido pela entidade organizadora Espaço de Arquitectura (www.espacodearquitectura.com).

4. www.museudaindustriatextil.org



1| Capas da revista *Arqueologia Industrial* (Museu da Indústria Têxtil).

O programa para o projecto, uma vez apresentado sob a forma de concurso e de cariz obrigatório, torna-se a primeira aproximação a este exercício.

Tem um papel importante porque estabelece a função social deste complexo na Vila e a capacidade que este deve ter para responder às necessidades actuais do local. Sob essa lógica o programa incorpora, ainda, uma cafetaria com restaurante e um estacionamento que, em conjunto com a reabilitação do Cineteatro Narciso Ferreira, situado na proximidade da fábrica, virão criar as condições necessárias para a existência de uma agenda cultural na baixa de Riba de Ave, atraindo o público e a consequente revitalização do espaço urbano envolvente.

Parece ainda evidente que a praça constituirá o elemento do programa que ligará todas as intenções do projecto ou, pelo menos, um elemento que poderá potenciar a qualidade destes espaços, fomentando o seu uso.

Lugar

Foi no século XIX, que o sector industrial começou a ganhar relevo em Portugal, até então a agricultura era principal actividade económica do País.

Os industriais do Porto⁵ vendiam matéria-prima ao pequeno tecelão e compravam o produto final para posterior comercialização. Com o objectivo de explorar novos métodos de produção, a indústria têxtil algodoeira do Norte expandiu-se, transferindo-se para a região do Vale do Ave.

Os recursos hídricos que o Vale oferece (rio Ave, Vizela, Selho e Ferro) e o baixo custo dos seus terrenos, favoreceram a implantação das fábricas na zona.⁶ Foram também determinantes, a existência de mão-de-obra abundante e barata, para além de experiente⁷, e ainda a proximidade a centros de trocas comerciais, como o Porto.

O desenvolvimento deste território possibilitou um crescimento que pode ser sistematizado sob três configurações urbanas: uma de desenvolvimento linear, construindo-se ao longo dos caminhos-de-ferro, cursos de água e das infra-estruturas viárias; outra criando novos núcleos urbanos associados às novas fábricas e à introdução da energia eléctrica; por fim, uma terceira que resultou na densificação dos pequenos núcleos urbanos pré-existentes, onde o movimento operário gerou um forte crescimento. (Leitão & Saraiva, 2012)

“O caminho de Ferro, os cursos de água [...], e a progressiva densificação da rede viária foram permitindo e catalisando um padrão difuso de industrialização assim desenvolvido.” (Domingues & Marques, 1987, 130)

Este crescimento urbano, carente de planeamento e estrutura, sedimentou um modelo territorial desordenado. Um modelo, como afirma Nuno Portas:

“[...] é mais do que uma descrição ordenada de indicadores [...] privilegia as relações espaciais entre as actividades e o modo como são marcadas ou deixam marcas no território.” (Portas, 1986, 8)

5. A cidade do Porto terá sido a que mais se destacou neste contexto industrial; todavia, a sua produção provinha de pequenas manufacturas de cariz doméstico familiar, com dois a três trabalhadores que produziam manualmente cada peça, fenómeno conhecido como ‘protoindustrialização’, sendo a produção encarada pelas famílias como uma fonte de rendimento complementar. (Mendes & Rodrigues, 1999)

6. A proximidade ao rio era importante para o aproveitamento da energia hidráulica, uma vez que a maquinaria exigia consumos avultados e incontroláveis custos tendo em conta não só a escassez do carvão nacional como o elevado preço da sua importação.

7. O Vale do Ave era já o “espaço da tradicional ‘indústria’ caseira do linho” (*idem*, 234)

Neste caso, as características ‘difusas’ deste território adquiriram forma através do modo como a produção industrial se foi organizando. Na verdade, eram poucas as fábricas que cumpriam a totalidade do processo de produção do algodão ou de linho (fiação, tecelagem, tinturaria, acabamento final); muitas delas subcontratavam uma parte do processo a pequenas indústrias que continuavam a produzir num contexto doméstico. Estas pequenas indústrias dispersas pelo território, viviam consoante as encomendas dos comerciantes, ao mesmo tempo que mantinham uma pequena produção agrícola.

Deste modo, a industrialização não criou grandes concentrações, ou núcleos urbanos, nem gerou um movimento de migração suficiente para tal. Esta pulverização do trabalho permitiu manter dispersas as habitações, fábricas, serviços e comércio retalhista. Paralelamente, nas áreas rurais a actividade agrícola foi sendo intercalada com a industrial permitindo esta dualidade. Esta dispersão de actividades gerou consequentemente uma teia de acessos viários sem grande critério ou hierarquia. (Domingues & Marques, 1987)

“As faixas ou cordões potencialmente urbanos [...] serpenteiam o território procurando o perímetro de máximo contacto com os campos, apoiando-se numa cada vez mais cerrada teia de vias como antes se havia apoiado nos cursos de água de que agora se vão podendo libertar.[...] Utilizam assim um princípio que se poderia enunciar como do aproveitamento gradual do perímetro, formando como que ‘quarteirões’ irregulares e irregularmente preenchidos de acordo com a orografia e a divisão de propriedade” (Portas, 1986, 11)

O território define-se por momentos de indecisão, por “espaços entre”, por dispersão. A facilidade de deslocação e a densa rede viária anularam a possibilidade de compactação e de confinamento territorial, provocando uma diluição das formas urbanas.

É no contexto descrito que se integra Riba de Ave, uma Vila pertencente ao concelho de Vila Nova de Famalicão onde se concentrava uma parte significativa da indústria algodoeira.

Narciso Ferreira (1862-1933), empresário local, em 1870 abandonou a produção agrícola para ingressar numa carreira profissional como fabricante manual de tecidos. Em conjunto com o industrial têxtil Manuel Joaquim de Oliveira, em 1884, formou uma sociedade que visava a ampliação da sua fábrica, e fundaram a Firma Sampaio, Ferreira & C.^a, referenciada como Fábrica de Fiação, Tecidos e Tinturaria de Riba de Ave.

O Inquérito Industrial de 1890 regista que em Riba de Ave existiam quatro fábricas de algodão, que empregavam 87 operários, dos quais 51 trabalhavam na fábrica de Narciso Ferreira, revelando a sua dimensão.

As instalações da fábrica foram construídas consoante as necessidades de produção, não tendo sido, por isso, consequência de um projecto, tal como muitas na época.

Em 1910, a fábrica já empregava 846 trabalhadores – 473 homens e 373 mulheres –, funcionando com 200 teares mecanizados, mostrando que a fábrica cresceu o quádruplo durante esses 20 anos. (Alves, 2001)

Para além do seu tamanho era também das poucas fábricas, no país, que integrava o grupo de fábricas de produção vertical, o que significa que, a fábrica garantia a totalidade do processo de tratamento do algodão e linho, desde a fiação, tecelagem, tinturaria até ao acabamento final.

Posteriormente, tirando partido do rio, foi construída uma Central Hidroeléctrica (de Amieiro Galego, em 1909), com o objectivo de alimentar a fábrica. Esta Central foi fundamental para a fábrica, permitindo um aumento de produção, e para a freguesia de Riba de Ave, “que por esta razão foi uma das primeiras do concelho a dispor de energia eléctrica para consumo doméstico.” (*idem*, 13)

A prosperidade industrial provocou um forte crescimento em Riba de Ave, tanto da estrutura urbana como da rede viária. Inicialmente o grosso do aglomerado urbano estava implantado a Norte, ao longo da estrada nacional.



2| Avenida Narciso Ferreira: à esquerda mercado local; à direita Cineteatro Narciso Ferreira.

As fábricas estabeleceram-se perto do rio, mais a Sul da Vila, entre o núcleo inicial e a ponte de Santa Ana. Para garantir a acessibilidade destas foi alargada a ponte e criada uma nova via, paralela ao rio (actual Avenida Narciso Ferreira) que une a estrada nacional a Norte até à ponte Santa Ana.

Posteriormente foram construídas várias obras de cariz social, a cargo do patrono Narciso Ferreira, muitas delas implantadas ao longo da nova avenida, gerando assim um novo núcleo urbano.

Alguns exemplos dessas edificações são um Posto da GNR (1910) localizado no cimo da Avenida N. F., na intersecção com a estrada nacional. Seguiu-se a ampliação das cantinas e a criação de creches dentro do complexo da fábrica (1912); a construção do edifício da escola primária (1917), localizado no cruzamento das duas principais avenidas e constituído por um bloco de dois pisos, com separação por sexos; e também, investindo na saúde, a encomenda de um hospital. Narciso Ferreira apadrinou ainda a criação de cinco bairros operários como resposta à concentração populacional, fruto do fluxo migratório.

“As tipologias eram constituídas por módulos de 6x6 por habitação, organizados em conjuntos de 4/5 habitações em banda, de um só piso, maioritariamente em alvenaria de pedra e cobertura de madeira e telha.” (Leitão & Saraiva, 2012, 17)

Depois da sua morte foi criada a fundação Narciso Ferreira (1945), que pretendeu agregar todos os imóveis de carácter social, cultural e educacional. Foi responsável pela construção de vários equipamentos ao longo da Avenida Narciso Ferreira⁸, o Teatro Narciso Ferreira⁹ (1944) o Mercado Narciso Ferreira (1947), a Estalagem São Pedro (1949), um novo edifício para as Escolas Primárias (1952), a Estalagem Telegráfica e Telefónica (1955), um Café, a Junta de Freguesia (1955), um Quartel de Bombeiros (1957) e um Posto de Abastecimento de Combustíveis (1961).

8. Inicialmente esta era designada Avenida da Ponte, tendo sido alargada a propósito das ampliações das fábricas. A última parte da Avenida foi aberta por Delfim Ferreira, ligando a ponte ao Hospital Narciso Ferreira.

9. Esta obra foi assinada pelo arquitecto português Manuel Amoroso Lopes.



3| Cineteatro Narciso Ferreira. 4| Mercado local. 5| Escola primária. 6| Bombeiros.
7| Posto da G.N.R. 8| Posto de Correios. 9| Cantina. 10| Hospital Narciso Ferreira.

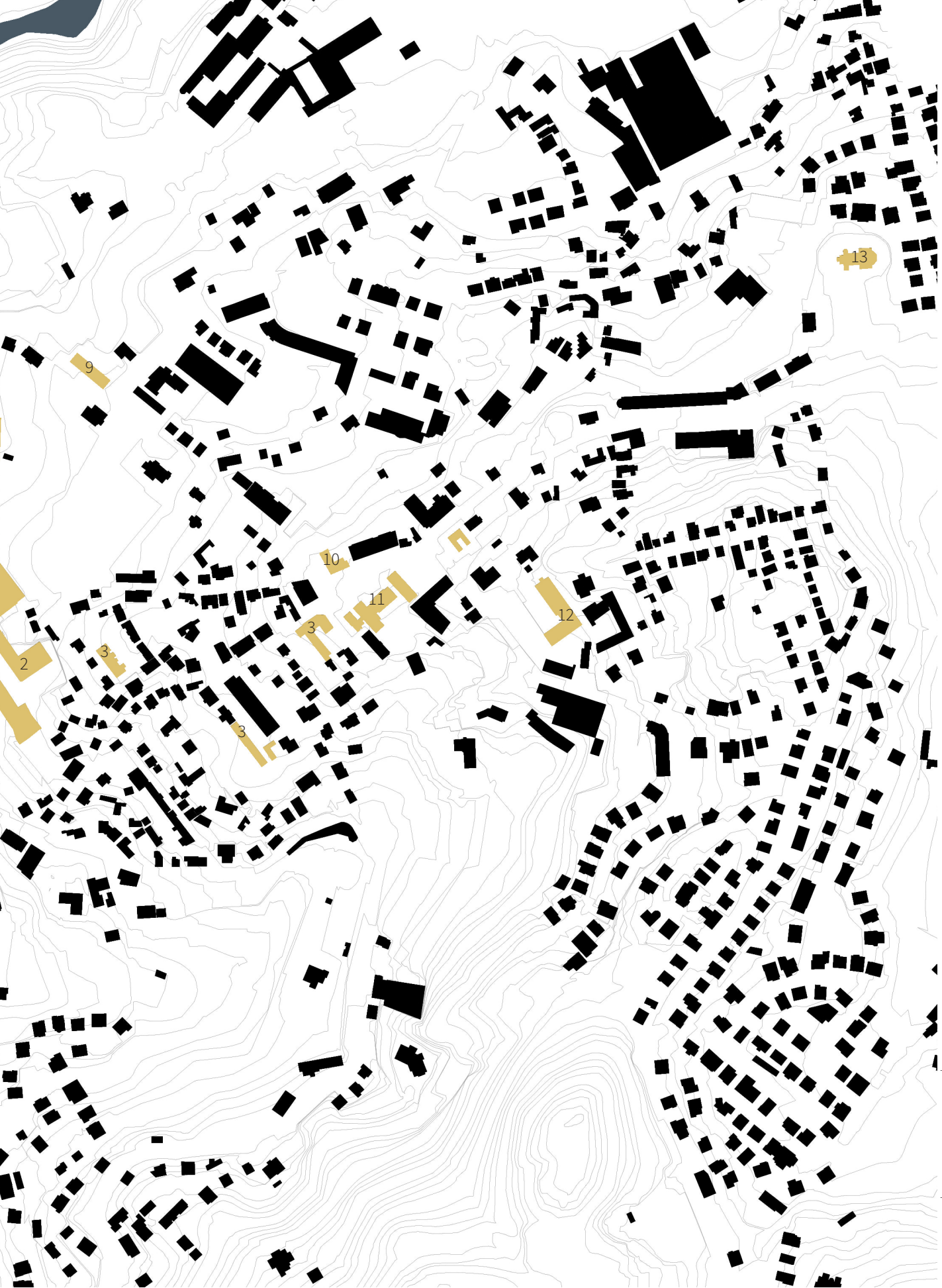
Durante as décadas de 1960 e 1970, Riba de Ave foi muito afectada pela imigração e só na década seguinte voltaram a existir construções, desta vez descontroladas, sem planeamento, e que descaracterizaram a sua malha.

“A vila [...] resulta numa morfologia onde não existem núcleo histórico, edifícios classificados ou espaços verdes e de lazer, onde, morfologicamente, tudo se resume às fábricas e à avenida que as atravessa.” (*idem*, 18)

A fábrica Sampaio Ferreira representa morfologicamente um grande espaço livre/abandonado associado à principal avenida da Vila. Além disso, está claro que a história de Riba de Ave anda lado a lado com o crescimento da fábrica e do seu fundador. A fábrica tem por isso um valor patrimonial e de memória colectiva na população: “Riba de Ave é a família Ferreira. Uma é a história da outra.” (Souto, 1985, 73) A revitalização da antiga fábrica associada a uma nova praça, poderá através da configuração de espaço público, incentivar a renovação do centro urbano de Riba de Ave, e desse modo restaurar a urbanidade no centro da Vila. Se considerarmos a fábrica como edificado gerador da malha urbana (a Sul), o núcleo que ela representa pode ser interpretado como o equivalente a um centro histórico de Riba de Ave.



1- Fábrica Sampaio Ferreira. 2- Fábrica Oliveira Ferreira. 3- Bairros Operários. 4- Clneteatro Narciso Ferreira.
5-Mercado Narciso Ferreira. 6- Quartel de Bombeiros. 7- Posto dos Correios. 8- Estalagem de S.Pedro. 9-Escola
Primária Narciso Ferreira. 10- Posto da G.N.R. 11- Hospital Narciso Ferreira. 12- Externato Delfim Ferreira.
13- Igreja Paroquial de Riba de Ave. 14- Bairro Residencial Conde de Riba de Ave.



Terreno

A antiga fábrica Narciso Ferreira situa-se na Avenida com o seu nome, paralela ao rio. Esta Avenida surgiu como um desvio da estrada nacional que atravessa Riba de Ave para permitir acessos viários às fábricas. Como consequência vários serviços estabeleceram-se ao longo deste novo eixo, tais como: os correios, o mercado, o Cineteatro etc. Apesar da proximidade com o rio, este não tem um papel relevante e a sua presença passa despercebida.

Delimitado pela Avenida (a Este) e pelo rio a (Norte e Oeste), o complexo fabril desenvolve-se sobre diferentes patamares o que faz com que, a partir da rua (a uma cota superior), não seja perceptível a sua dimensão. Existe ainda um muro que corre todo o perímetro da fábrica, ladeando os 35 000m², e que limita a visibilidade, sendo apenas possível observar algumas coberturas e a chaminé em tijolo.

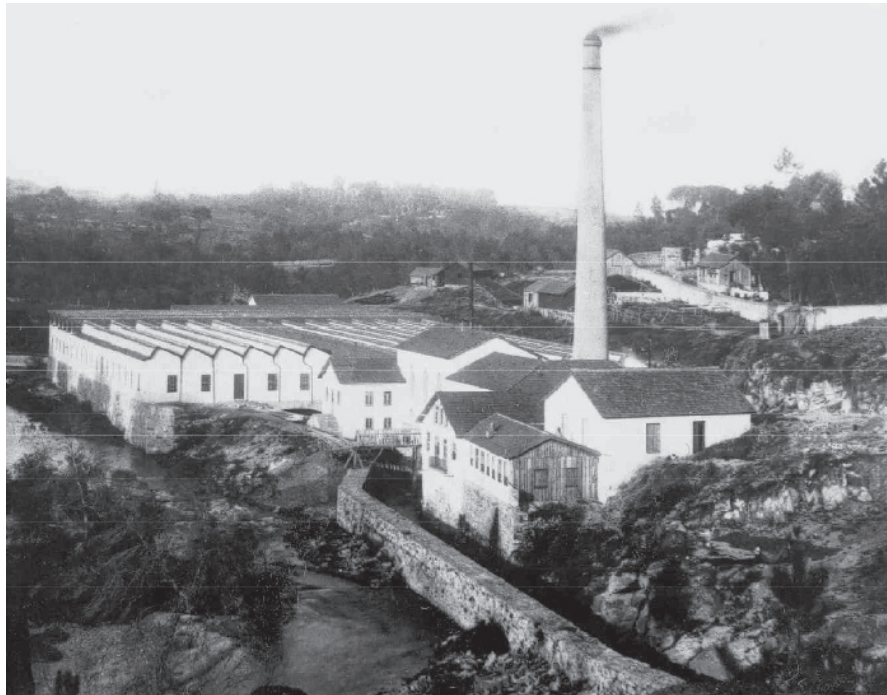
Descendo a Avenida chegamos ao portão de entrada da Fábrica, a partir do qual se desenvolve um largo de ressecção onde se encontra um monumento (1934) dedicado a Narciso Ferreira.

Uma vez que a fábrica foi implantada numa encosta com acentuado desnível e tão perto do rio, a sua topografia é definida por vários muros de suporte, que vão criando plataformas a diferentes cotas, sobre as quais se erguem as construções.

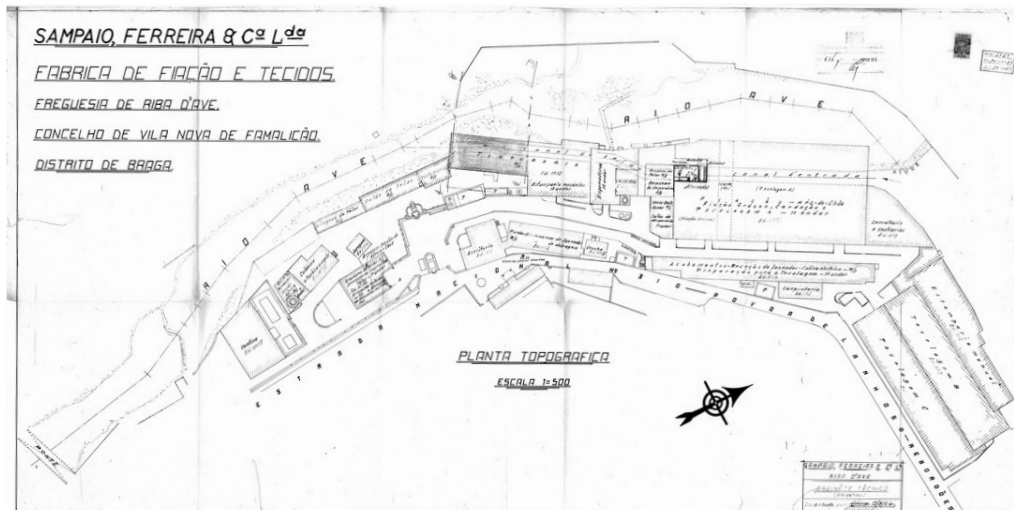
Estas são compostas por edifícios simples que surgem implantados sob diferentes direcções e por vezes sobrepostos uns aos outros, reflexo do gradual aparecimento de novos edifícios, que vinham satisfazer as necessidades do momento.

Apesar do avançado estado de degradação é ainda hoje possível compreender a dinâmica de trabalho que existiu no complexo. Sente-se a consequência de um processo de acumulação de construções, e da ausência de um plano envolvente a todo o complexo, sendo que os vários edifícios que compõe a antiga fábrica não perseguem uma unidade formal.

Alguns volumes eram paralelepípedicos com paredes de pedra ou tijolo e coberturas de duas, três ou quatro águas. As fachadas eram rebocadas e pintadas de branco com vãos rectangulares longitudinais, marcando um ritmo regular ao longo dos panos de parede.



12| Vista da fábrica Sampaio Ferreira em 1896



13| Planta da fábrica Sampaio Ferreira em 1965.



14| Vista Aérea.



15| Vista sobre a Ponte Santa Ana.

16| Planta de coberturas da Fábrica Sampaio Ferreira.

1 e 2 - Tecelagem

3 - Tecelagem (Tinturaria manual, planta de 1965)

4 - Tinturaria, fiação, torcedores e batedores

5 - Acabamento e revista

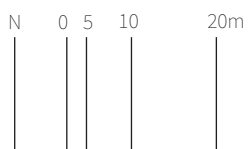
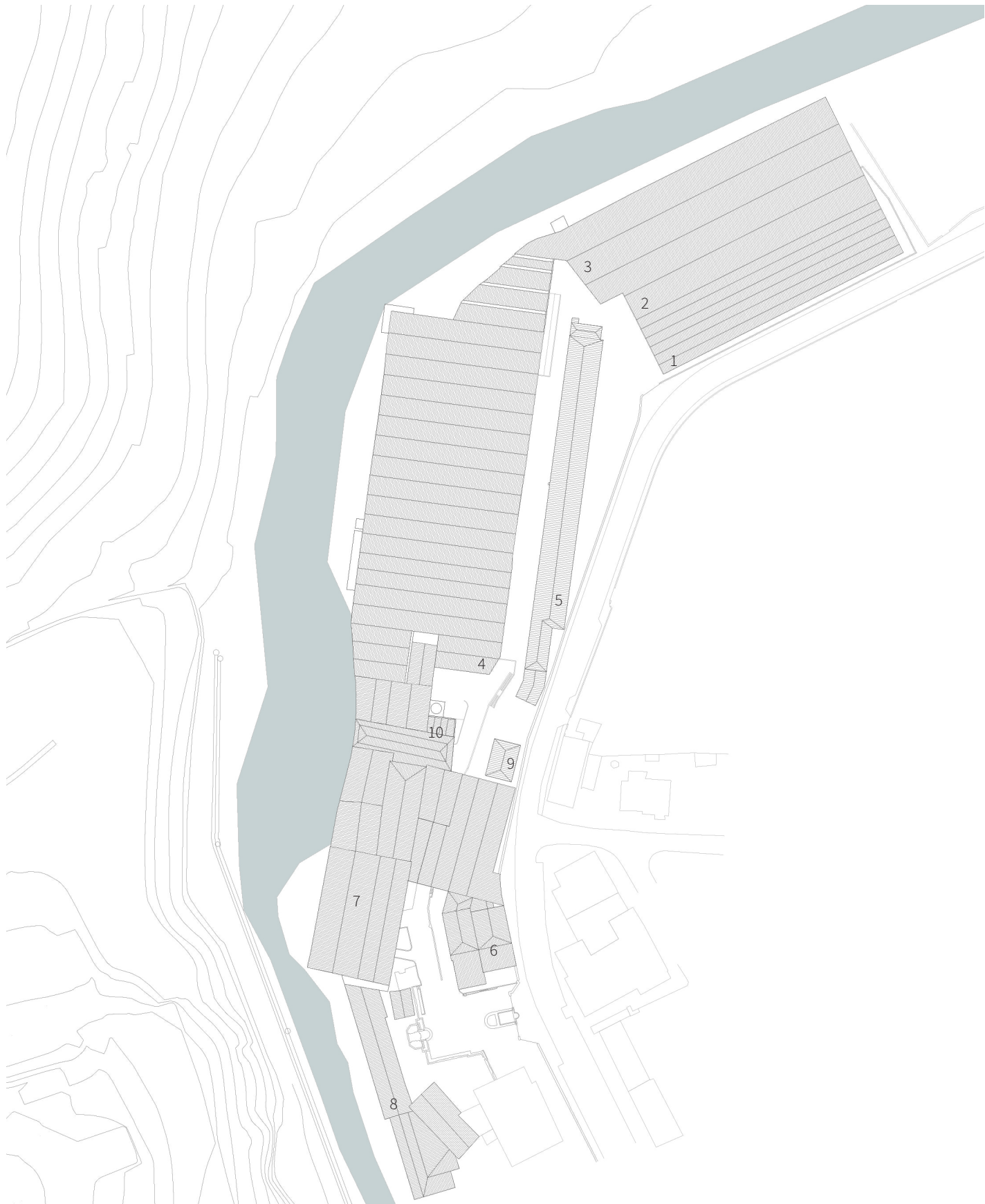
6 - Administração

7 - Tinturaria e engomaria

8 - Armazéns

9 - Creche

10 - Caldeira





17| Estado actual da fábrica Sampaio Ferreira. Edifício 1.



18| Estado actual da fábrica Sampaio Ferreira. Rua interior, à esquerda edifício 5, à direita edifício 4.

A observação da planta correspondente ao levantamento, fornecido pela entidade promotora do concurso, conduz-nos à leitura de duas zonas:

Uma, com construções mais fragmentadas e de menor área, fundamentadas pelo programa de armazenamento, apoio e manutenção do equipamento industrial, a Sul do complexo;

A outra, com edifícios de maior escala, dedicados à produção têxtil, nomeadamente a processos como, fiação, tecelagem, tinturaria, estamparia e engomadoria. Esta segunda zona pela sua escala, maior regularidade, e adaptabilidade, foi onde se verificaram menos alterações nos edifícios ao longo do tempo. É composta por edifícios de grande embargo do tipo pavilhão.

Podemos observar o edifício 1, correspondente ao processo de tecelagem, de acordo com a planta de 1965; este edifício é o mais antigo do complexo, a cobertura, agora bastante danificada estava apoiada por um sistema estrutural que combinava pilares de ferro fundido com asnas de madeira, tinha paredes de tijolo, rebocadas e pintadas de branco. O seu alçado frontal é composto por uma platibanda alta, e o desenho de uma cornija que ladeia o edifício, sugere na sua fachada o perfil da cobertura central.

Os volumes 2 e 3 são de grande simplicidade, consistem em edifícios com o mesmo comprimento do anterior (cerca de 100m), a sua cobertura apoia numa estrutura metálica que por sua vez, vence a largura inteira do volume (cerca de 8m), permitindo um amplo espaço, sem pilares, ou qualquer outro elemento vertical. Ambos têm coberturas de duas águas revestidas a chapa ondulada.

O edifício 4, onde se desenvolvia o processo de tinturaria, fiação torcedores e bate-dores tem estrutura em betão, tipo pavilhão, com cobertura em “shed”, disposta a Norte.

Desenvolve-se em dois pisos, e no inferior, adjacente ao rio, corria um canal usado no auxílio ao processo da tinturaria.

O complexo enquadra, ainda, uma rua de distribuição interna, que une vários edifícios a uma cota intermédia, começando no largo de entrada da fábrica e percorrendo todo o comprimento longitudinal dos volumes centrais do complexo da antiga fábrica.



19| Estado actual da fábrica Sampaio Ferreira. Edifícios de administração, área 6.



20| Estado actual da fábrica Sampaio Ferreira. Chaminé de tijolo.

O edifício 5, cujo cumprimento ladeia a rua interna do complexo, tem uma constituição estreita, a sua cobertura é suportada por uma estrutura em madeira, cujas vigas apoiam nas paredes laterais do edifício. É composto por dois pisos, o superior com acesso para a avenida Narciso Ferreira e o inferior, semienterrado, com aberturas para a rua interna do complexo.

Os volumes relativos à zona 6 são estruturas mais recentes, onde se estabeleceu a zona administrativa da antiga fábrica; é constituída por um conjunto de pequenos edifícios, que tomam diferentes direcções, tentando estabelecer relações com outros volumes.

Os edifícios da zona 7 encontram-se num estado devoluto avançado, apresentam estrutura em betão, com pilares rectangulares, cuja métrica muda conforme as diferentes fases de construção. As plantas indicam que eram volumes relativos ao processo de tinturaria, justificando assim o acoplamento ao edifício 4. Por cima destes existe mais uma estrutura, cuja entrada se efectua à cota do largo inicial, através de uma pequena ponte.

Destaca-se ainda um dos elementos mais icónicos do apogeu industrial da zona, a chaminé em tijolo. Situa-se no final de uma rampa de acesso automóvel que, se supõe durante os últimos anos de funcionamento da fábrica, seria onde se dava o escoamento de produto.

A chaminé parece estar em desuso há já alguns anos uma vez que se encontra rodeada de construções, tornando-se de difícil acesso.

Pela sua altura é possível observa-la de longe, desde o início da avenida e, posteriormente, uma vez dentro do complexo, apenas a podemos admirar a uma distância relativamente curta da sua base.

Caso de Estudo: Robinson, Portalegre

Um exemplo tido em conta durante a execução deste trabalho foi o projecto de requalificação do Espaço Robinson em Portalegre. Muito apoiada pelo percurso fluvial do Tejo, Portalegre localiza-se entre territórios muito distintos, associando, os espaços distintivos de serra e de planície.

É uma cidade onde a indústria corticeira esteve muito presente, especificamente, fixada pela fábrica Robinson, que esteve em funcionamento durante 150 anos.

Em 2005 iniciou-se um projecto para a requalificação da antiga fábrica, que se encontrava ainda em funcionamento, tendo encerrado oficialmente em 2009.

A família Robinson teve um papel social forte na comunidade, à semelhança da família Ferreira em Riba de Ave.

Em 1848, George Robinson compra uma parte do antigo Convento de São Francisco e instala uma pequena fábrica de cortiça.

“O Espaço Robinson é o resultado de dois vectores temporais: a realidade da cerca do Convento de São Francisco¹⁰ (século XIII, ...) e a instalação nela da Fábrica de Cortiça pelo inglês George Robinson (século XIX, ...)” (Gouveia, 2007, 105)

O negócio familiar rapidamente cresceu, em 1881, segundo o Inquérito Industrial, a fábrica empregava 560 operários. A fábrica Robinson alarga ainda a sua actividade industrial à Extremadura Espanhola, adquirindo diversas fábricas em San Vicente de Alcântara. O Inquérito Industrial de 1890 não tem registo da Fábrica Robinson, mas a Comissão Concelhia de Portalegre apontava:

“[...] esta fábrica, denominada de cortiça, e situada na Boa Vista, que em 1881 ocupava na sua laboração 560 pessoas, ocupa hoje mais do dobro”. (Ventura, 2007, 17)

Tal como a Sampaio Ferreira, em Riba de Ave, a fábrica Robinson cresceu a par da cidade de Portalegre tendo apoiado a criação e construção de várias instituições importantes para a população, tais como: a Sociedade União Operária Portalegrense – primeira associação operária de Portalegre (1896); o Teatro dos Muros (1903); a creche Baptista Rolo (1905); e o Corpo de Bombeiros (1908).

10. George Robinson adquiriu, em 1848, uma oficina para a transformação de cortiça numa parte do antigo convento de São Francisco, que ficara devoluto após a extinção das ordens religiosas em 1834.

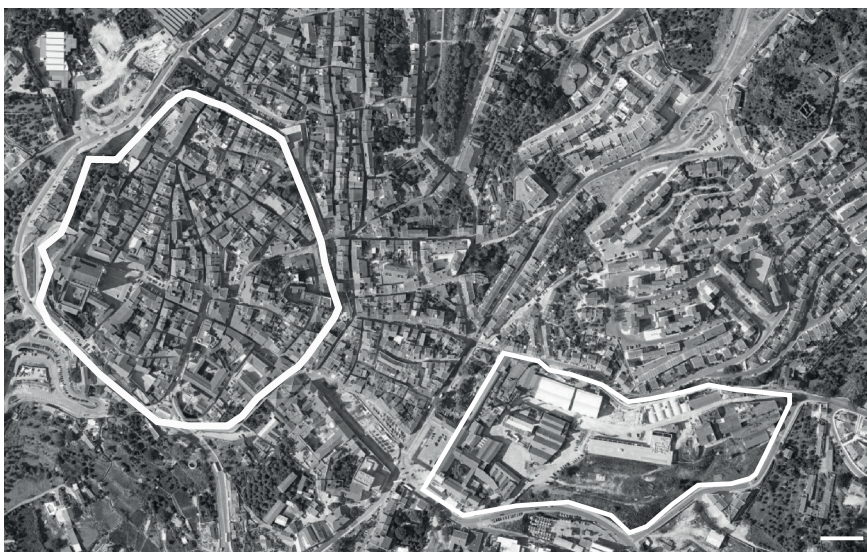


21| Vista Nascente do complexo da fábrica Robinson, antes da requalificação.

“A história da Fábrica confunde-se com a história de Portalegre. Os reflexos da vida da empresa na sociedade local ultrapassam em muito os aspectos meramente económicos, projectando-se nos domínios do social, do cultural e até do mental. Podemos dizer que a actividade corticeira moldou a sociedade Portalegrense ao longo de cento e cinquenta anos e que as chaminés da fábrica, [...] se converteram, juntamente com a inconfundível silhueta da Sé Catedral, num ex-libris da cidade.” (*idem*, 11)

A fábrica de cortiça expandiu-se na cidade, acabando por adquirir uma extensa área (6,5h). Localiza-se agora no centro urbano da cidade de Portalegre. Como se pode constatar na imagem a baixo a área que a fábrica Robinson ocupa no concelho é quase equivalente à área referente ao antigo núcleo muralhado, que remonta ao século XIII. Também se pode ver a proximidade entre ambos os núcleos, conexos através da actual Praça da República.

“[...] a Robinson foi, no entanto, testemunho e ao mesmo tempo motor do desenvolvimento industrial, social e corporativo que teve lugar em Portalegre desde 1800. Este aspecto é interessante, já que interessa não só a parte estética, mas também o contexto histórico; neste sentido entende-se que a fábrica Robinson ocupa não só um lugar histórico ou de natureza potencialmente artística, mas também político-industrial e sociologicamente reconhecido como no futuro poderá ser uma âncora no desenho urbano de Portalegre.” (Souto de Moura & Correia, 2005, 1)



22| Perímetro do centro histórico e da fábrica Robinson.



23| Vista do interior do complexo da fábrica Robinson, antes da requalificação.

A cidade, que cresceu em torno do terreno da fábrica, deparou-se então com um vazio urbano de cerca de 65.000 m². Em 2005 iniciou-se o projecto de reabilitação da fábrica Robinson, o qual foi entregue aos arquitectos Eduardo Souto de Moura e Graça Correia.

O projecto propunha-se fazer imergir a fábrica na cidade, através da criação de um *passeio urbano*, acompanhado por vários programas e novos usos para os edifícios existentes, integrando-a, desse modo, na malha urbana de Portalegre.

“Conservar a memória histórica através do seu património construído é alimentar os sinais de identidade de uma cidade que não quer ver anulado o seu papel no panorama do país.” (Souto de Moura & Correia, 2007, 69)

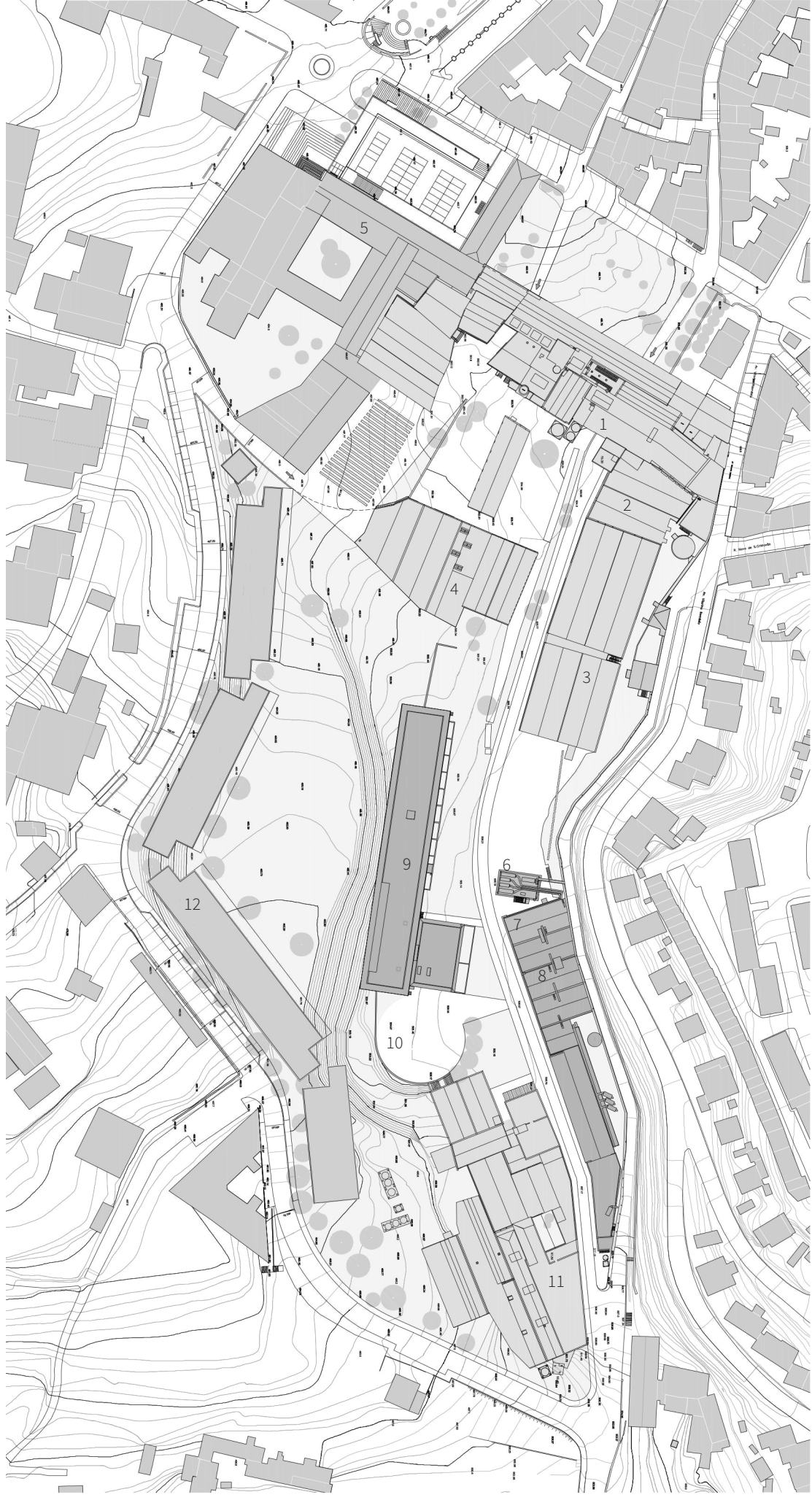
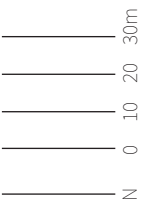
A estratégia foi a de recuperar a zona como espaço público, e fundamenta-se na criação de vínculos entre os edifícios e a cidade, através de novos usos para os edifícios existentes assim como no tratamento, a diferentes escalas, do espaço, conferindo-lhe um carácter urbano. O projecto concentra-se no desenho de vazios e na relação entre edifícios, assim como, a sua estratégia de implantação e recorre ao elemento “[...] iconográfico deste conjunto, sempre presente na sua memória comum – a silhueta das chaminés.” (*idem*, 80)

“Pretende-se deste modo estabelecer uma relação permeável com o meio envolvente e urbano, definindo transparências existentes ou postas em evidencia pelas demolições e revelando a lógica interna do conjunto para implantar nele uma configuração contemporânea em diálogo com as actividades que receberá.” (*idem*, 73)

A concretização desta estratégia consistiu no desenho de um *passeio urbano* que permite a articulação dos edifícios da fábrica Robinson e destes com a cidade.

A criação da nova relação com a envolvente foi obtida através de o desenho do espaço público e da rua, para o qual contribuíram também a implantação estratégica de novos edifícios: a Escola de Hotelaria e o Auditório Audiovisual. Os volumes permitem limitar a abertura da paisagem a sul, controlando os vazios do complexo.

De modo a permitir a continuidade do *passeio urbano* a poente, foi proposto o rasgamento de uma grande abertura na fachada do edifício principal.



Cada um dos edifícios ganha sentido na sua relação com os restantes, formando um conjunto que tem urbanidade graças a elementos como praças, passeios e rampas. O projecto opta por reservar a parte mais antiga da fábrica (volume 1) para receber o programa museológico. Este conjunto de volumes reúne maquinaria fixa, usada no fabrico de cortiça, tal como fornos e prensas, peças raras de ver em tão bom estado no resto da europa. O museu destina-se a preservar a memória da antiga fábrica Robinson e a ilustrar o processo de fabrico da cortiça.

No volume 2 foi proposto a instalação do museu dos Bombeiros, fundados pela família Robinson e agora lado a lado num museu que pode partilhar infra-estruturas. O estacionamento (3) à cota do passeio revela-se uma estrutura ampla e aberta, que estabelece uma relação central no complexo. Esta estrutura é ainda apropriável a vários usos, tendo já ocorrido alguns eventos. O edifício 4 trata da antiga cantina da fábrica e foi pensado como museu de arte e residência para artistas.

Fazia parte do programa deste projecto um novo edifício (9) destinado à Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Portalegre, agora em funcionamento, e que certamente atraí muita gente ao espaço Robinson. É um edifício elegante, pousado sob o declive do terreno, e que limita a paisagem a sul, como intencido.

Foram reabilitados os espaços (7 e 8) para auditórios e edificado mais um (6), uma peça excepcional inspirada na antiga maquinaria industrial que existia no espaço Robinson.

O programa incorporava também uma zona destinada a Associações culturais de Portalegre, uma pousada no antigo Convento e uma zona residencial composta por quatro blocos (12).

24| Planta, projeto para a requalificação do Espaço Robinson.

1 - Museu da Cortiça. 2 - Museu dos Bombeiros. 3 - Estacionamento. 4 - Museu de Arte e residência para artistas. 5 - Convento de S. Francisco, Pousada. 6 - Auditório A. 7 - Auditório B. 8 - Centro de Realidade Virtual. 9 - Escola Superior de Hotelaria e Turismo . 10 - Prala de estudantes. 11 - Associações Culturais. 12 - Área residencial



25| Vista actual, Espaço Robinson. Auditório A (6)



26| Vista actual, Espaço Robinson. Entrada Escola de Hotelaria (9).



27| Vista actual, Espaço Robinson (4). Cores originais pré-existente.

A requalificação do Espaço Robinson revelou-se de interesse porque representa uma vontade muito clara de transformar o complexo da antiga fábrica Robinson em malha urbana da cidade. Para isso foram pensados diversos tipos de programas, atribuindo ao conjunto uma variada gama de usos. Faz ainda parte do projecto, o desenho da Escola Superior de Hotelaria e Turismo que tem a potencialidade para atrair população jovem ao local.

As relações com a paisagem e o desenho de espaço público e, ainda, a garantia de que este *passeio urbano* viria a unir duas partes da cidade (a nascente, uma zona habitacional descaracterizada da malha urbana de Portalegre e a poente, o centro histórico da cidade), foram pensadas dentro de uma lógica de integração urbana.

Infelizmente, após uma visita ao local, deparamo-nos com um projecto inacabado, por motivos económicos e políticos, não foi possível reabilitar todo o complexo.

O núcleo central do complexo foi requalificado, mas uma vez que não existiu oportunidade de concluir o projecto o espaço Robinson permanece um complexo fechado.

No local é possível entender as vontades do projecto, nomeadamente o enquadramento da paisagem, jogando com a implantação da Escola Superior de Hotelaria e a potencialidade daquele *passeio urbano* integrar o movimento urbano da cidade.

Não é possível visitar o interior dos auditórios, uma vez que não se encontram abertos ao público, mas ainda assim, através do *passeio* deparamo-nos com um excepcional volume, cuja plasticidade remonta-nos a um carácter industrial, e que está de tal maneira conseguido, que se torna difícil perceber se foi reabilitado ou edificado de raiz; ainda, a pequena subtilidade do uso do azul e do amarelo ocre, aparentemente cores da antiga fábrica, que transmitem uma aproximação a uma qualquer pré-existência.



28| Vista actual, Espaço Robinson. Volume 2



29| Maquinaria industrial.



30| Vista interior do Volume 1. Maquinaria Fixa (prensas).



31| Vista interior do Volume 11. Zona de fornos.



32| Vista actual, à esquerda estacionamento (3) à direita Cantina (4), em frente Escola de Hotelaria e Turismo (9).



33| Vista exterior, no primeiro plano cantina (4), a trás Fábrica (1)



35| Vista exterior, edifício principal da Fábrica (1)



34| Vista exterior, à esquerda edifícios destinados a associações culturais (11), à direita auditórios (7 e 8).

Objecto

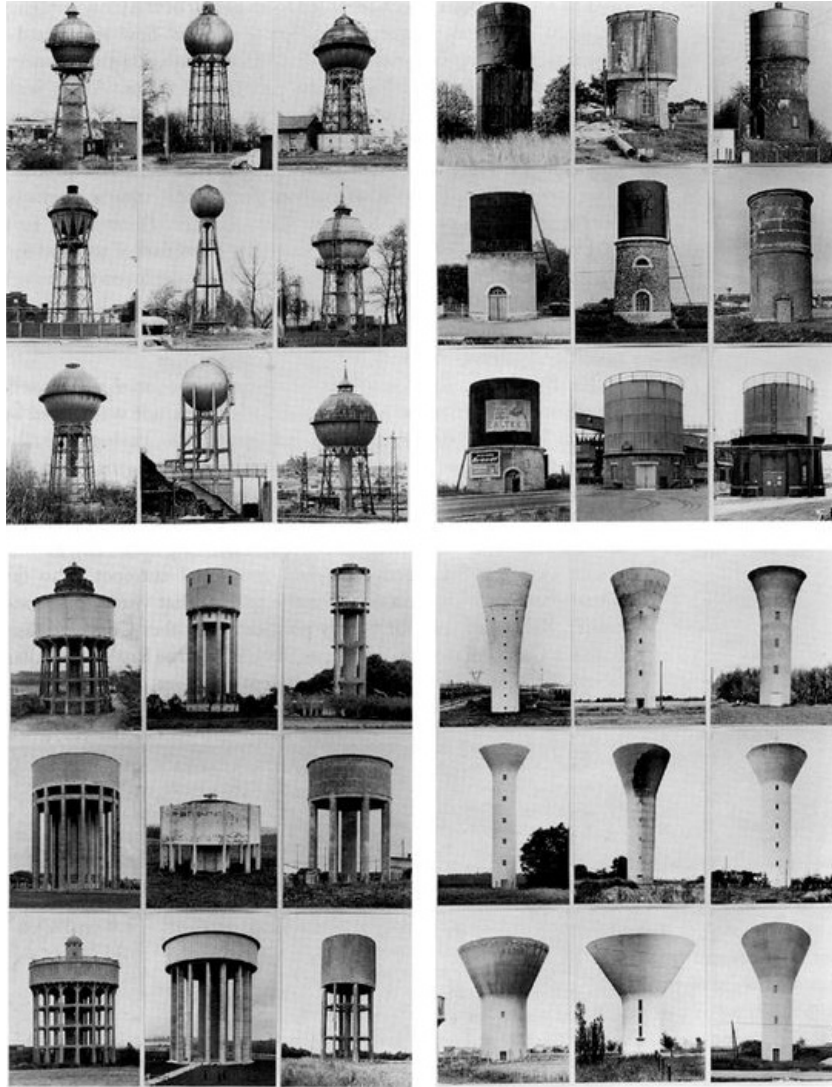
A última condicionante que deveríamos considerar, seria o próprio complexo da antiga fábrica Sampaio Ferreira, que, dado o seu carácter industrial apresenta bastantes especificidades, mais concretamente no que toca à plasticidade da sua forma.

Os fotógrafos Bernhard Becher (1931-2007) e Hildgard Becher (1934-2015), influenciaram, de forma decisiva, o modo como, neste trabalho, os elementos de arquitectura industrial foram capazes de servir como modelo de inspiração e fascínio estético enquanto objecto.

“No que diz respeito particularmente à arquitectura industrial será o processo da obra de Bernd e Hilla Becher que, apoiando-se antes de mais sobre um dado analítico potente - o desaparecimento progressivo da paisagem e do património industrial, composto a maior parte das vezes por objectos arquitectónicos vernáculos – que vai contribuir sobretudo para sensibilizar e educar a forma de olhar dos seus contemporâneos. A sua obra, cujas investigações começaram verdadeiramente em princípios dos anos sessenta, teve na Alemanha e em toda a Europa uma dupla influência, tanto no plano político, como no plano cultural. Esta constatação que registam põe em evidência o destino muitas vezes efémero desta arquitectura.” (Souto de Moura & Correia, 2005, 2)

O casal Becher fotografou durante anos, variadíssimos conjuntos de edifícios industriais, de arquitectura ditada por pressupostos práticos ligados a objectivos de produção. Os edifícios aparecem-nos, nas fotografias, isolados da sua envolvente e de toda a narrativa que os enreda, o que lhes concede monumentalidade e intemporalidade. As imagens surgem como processo de documentação de um modo quase científico. Sem sombras nem nuvens no céu, as fotografias permitem ao observador captar a essência da forma do objecto. A montagem em cadeia de várias fotografias, a preto e branco, expõe as diferenças e similitudes entre estas estruturas, captando ainda o factor uno que as liga, o seu carácter industrial. Os edifícios ganham com estes “retractos” um carácter objectual próprio.

“Rendered timeless by the camera and isolated from their original, often perplexingly complex surroundings, they appear as monumental symbols of their own history – with all the stylistic diversity of the great masterpieces of architecture.” (Lange, 2004, 7)



36| Bernd & Hilla Becher, Tipologias de reservatórios de água, 1972.

Em 1970, os Becher lançam o livro “Anonymous Sculptures”; este título subentende a leitura do objecto fotografado, igualado a uma peça de arte, e tal como uma escultura, apresentado pelo seu valor plástico. Os critérios necessários para estabelecer uma cultura industrial, só existem no momento em que um reportório formal de arquitectura industrial é desligado do seu molde puramente funcional, e compreendido como uma imagem, tornando-se um objecto de contemplação e reflexão estética. A natureza efémera de edifícios de carácter estritamente funcional explica o seu surgimento e o seu desaparecimento.

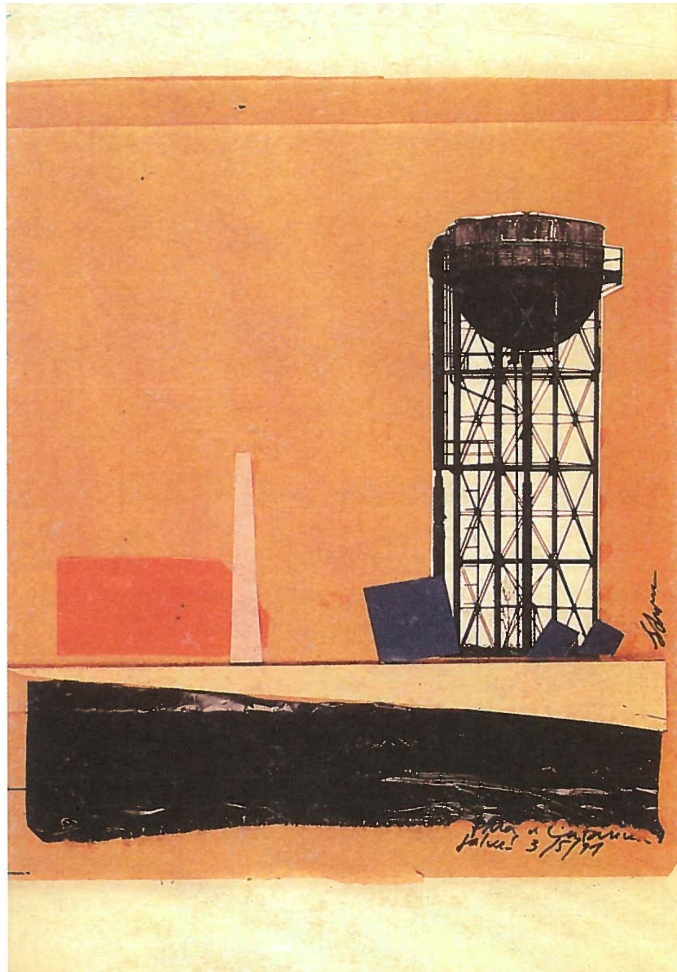
“These are entities that rise up from their surroundings like anonymous sculptures or anonymous structures, that define their environment’s appearance and have become like a second form of nature: organs of technical existence.” (*idem*, 28)

Entender o edifício industrial segundo esta visão contemplativa, levanta a questão da sua preservação e coloca o problema da reabilitação deste tipo de complexos dentro do tema do restauro. O concurso Desafios Urbanos’16, ao lançar o exercício de revitalização da Fábrica Sampaio, Ferreira e Cia. Lda., afirma que este conjunto de edifícios:

“[...] de carácter industrial, pela sua história, pelo impacto no tecido socioeconómico, pela localização e dimensão merece ser alvo de reflexão. [...] Este tipo de imóveis, que ocupam áreas significativas do território do Vale do Ave, cujo uso está em causa, obrigam a uma reflexão e atenção especiais.”¹¹

Este tipo de património, representa certamente, para grande parte das populações próximas, uma componente essencial da sua história (quase como um monumento): simultaneamente, dentro de uma vila ou mesmo de uma cidade são complexos que ocupam uma grande área e pela sua localização (muitas vezes urbana) podem dar resposta à falta de espaços públicos.

11. Regulamento do Concurso de Arquitectura Desafios Urbanos’16 fornecido pela entidade organizadora Espaço de Arquitectura (www.espacodearquitectura.com).



37| Souto de Moura, Colagem

“A reutilização de edifícios existentes começa, porventura, quando determinados artistas baseiam a concepção da sua arte em princípios que insistem em desenhar não só a arte, mas também os seus contentores - os edifícios nos quais ela é experimentada. A importância deste envolvimento entre arte e o seu suporte está particularmente explícita nos escritos e experiências de Donald Judd, que sempre despendeu energia equivalente tanto na concepção da obra como na concepção do local onde esta vai ser colocada e insistia especialmente na importância de reutilizar edifícios existentes.

[...] Judd escreveu ainda várias vezes artigos contra a proliferação, nos anos 80 de numerosos ‘sobredesenhados’ novos museus – pouco hospitaleiros e insensíveis à arte que ali se vai expor; na sua filosofia, a reutilização de edifícios utilitários preexistentes era pertinente, independentemente de terem nascido para museus ou não, no sentido de aplicar o dinheiro gasto favorecendo a arte e não a sua exposição, mas também por questões morais e ecológicas de renovação e reutilização.” (Souto de Moura & Correia, 2007, 69)



Lime Kilns, Brielle, Holanda, 1968 |38



39| Vista exterior da Fábrica Sampaio Ferreira.

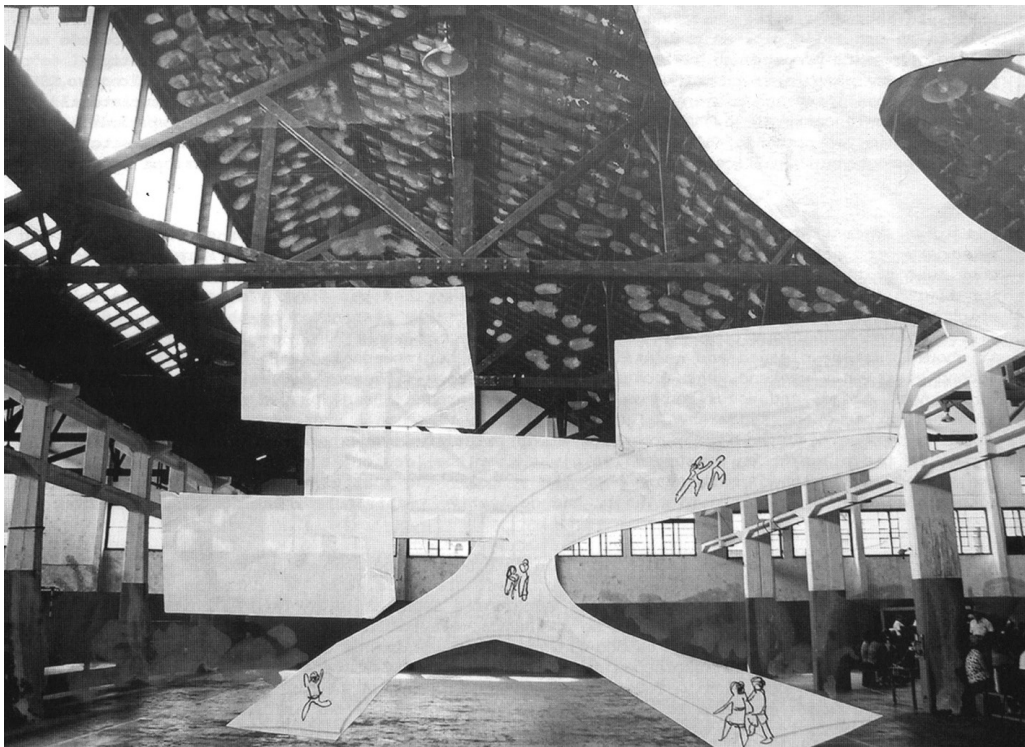
A Proposta

Introdução:

Este capítulo da presente Dissertação, pretende apresentar o projecto proposto a concurso para a intervenção na fábrica Sampaio Ferreira. Num primeiro momento relatam-se as intenções, segundo uma estratégia de intervenção urbana. Tendo reflectido sobre a relação entre o complexo e a Vila, procura-se agora clarificar o seu papel e o seu valor urbano, através do desenho. A relação urbana do complexo com a Vila entende-se fundamental para a revitalização do mesmo.

Num segundo momento, segue a descrição dos vários edifícios e programas que compõem o projecto. De modo a facilitar o acompanhamento desta descrição o programa foi desenvolvido separadamente, estando relacionado com o antigo edifício que lhe corresponde. Deste modo é possível ter presente, durante a descrição, as características do volume a ser reabilitado, condicionantes da apropriação do programa, assim como a sua localização no complexo.

O projecto feito na ocasião do concurso teve também em atenção o modo como a ideia e o seu desenvolvimento podiam ser transmitidos. Tendo por isso sido adoptados diferentes grafismos na tentativa de conseguir uma aproximação ao júri. Especificamente, as plantas foram representadas com pessoas e mobiliário de modo a ilustrar as possibilidades da futura ocupação. Foram, igualmente, executadas axonometrias, renderings e fotomontagens para facilitar a compreensão do projecto.



40| Lina Bo Bardi, colagem projeto Sesc Pompeia.

Relação urbana

Ao visitar a antiga fábrica de tambores, em São Paulo, tendo em vista inicial o projecto do futuro SESC¹² Pompeia, a arquitecta Lina Bo Bardi descreve um ambiente de alegria, entre a população que se tinha apropriado da antiga fábrica abandonada.

“Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes de bola na água. As mães preparavam churrasquinhos e sanduíches na entrada da rua Clélia; um teatrinho de bonecos funcionava perto da mesma, cheio de crianças. Pensei: isto tudo deve continuar assim, com toda essa alegria.

Voltei muitas vezes, aos sábados e aos domingos, até fixar claramente aquelas alegres cenas populares.” (Bo Bardi, 1986, 148)

No caso da antiga fábrica de tambores, existia já, por parte da população, uma apropriação do espaço, criando a partir, daquele lugar, um sentimento de comunidade. Lina Bo Bardi chama ainda a atenção para os elementos industriais que lhe despertaram curiosidade, como os “galpões” (armazéns) distribuídos racionalmente, à semelhança de projectos ingleses do começo da industrialização, e da estrutura de betão, que lembrava o sistema construtivo do pioneiro Hennebique¹³. Menciona, ainda, que pensou logo na necessidade e no dever em conservar a obra.

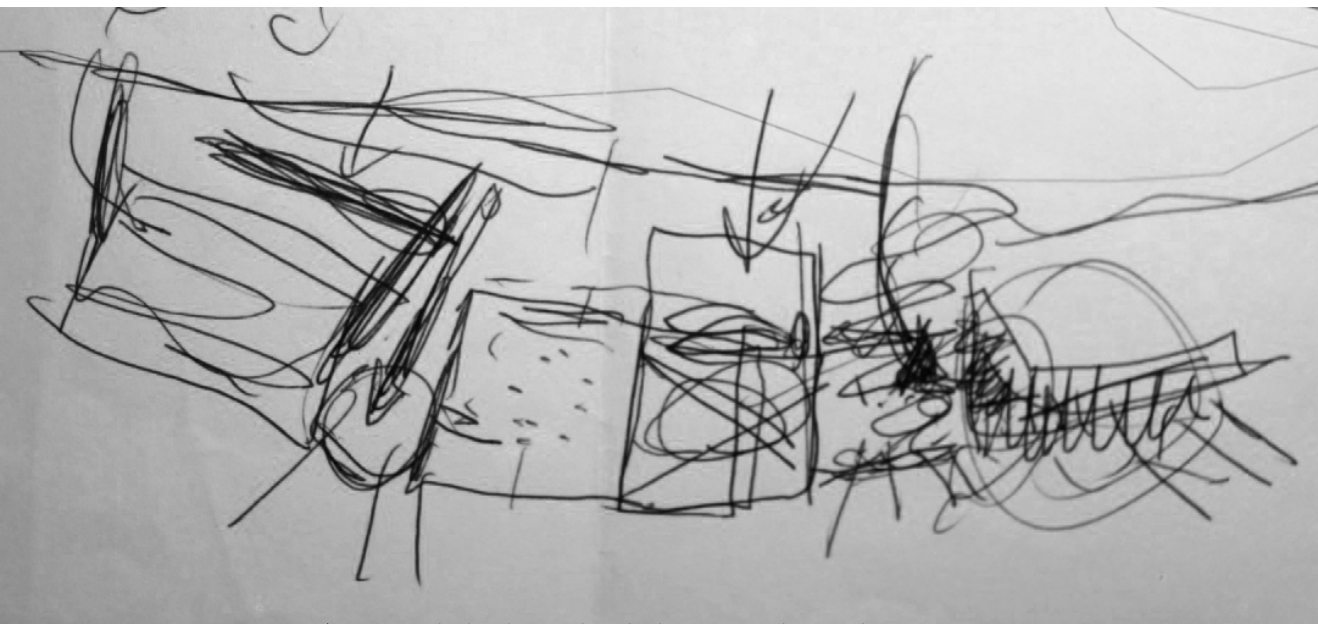
Este sentido de preservação esteve também muito presente durante a execução do projecto de reabilitação da antiga fábrica Sampaio Ferreira. A beleza da ruína destes espaços acrescentava ainda mais valor à vontade de preservação.

Porém, o lado social que Lina Bo Bardi relata, o papel do complexo na comunidade, não existia. Como consequência, a principal intenção do projecto foi potenciar uma relação social e de apropriação entre a comunidade e o espaço da antiga fábrica.

Os principais objectivos do projecto passaram por garantir uma relação entre a Avenida Narciso Ferreira e o complexo, potenciando a relação entre o rio e a Avenida, e gerando espaço vazio de reunião.

12. Serviço Social do Comércio

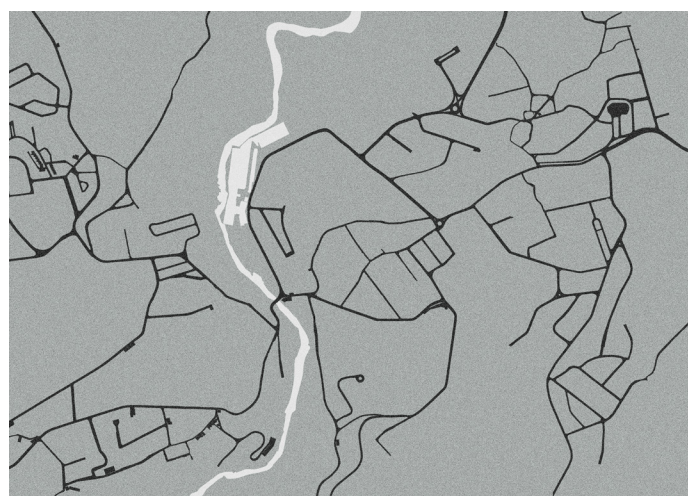
13. François Hennebique (1842 – 1921), engenheiro francês que patenteou o sistema construtivo de betão armado em 1892.



41| Esquema de distribuição (MGD), discussão preliminar do projecto.



42| Esquema de volumes a cheio, mancha urbana.



43| Esquema de circulação

Traduzindo esta vontade para o desenho urbano de Riba de Ave, o projecto centrou-se no desenho de uma praça.

O primeiro momento do projecto tratou de estudar a distribuição programática, tendo em consideração que, para o efeito, seria necessário rever as condições que cada edifício reunia para albergar um novo uso, e definir zonas a demolir de maneira a criar o vazio indispensável à implantação da nova praça.

O posicionamento da praça tomou vários factores em consideração: por um lado, veio condicionar a distribuição do restante programa, por outro, devia estar posicionada de modo a servir a Avenida potenciando o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que estabelecesse uma relação desta com o Rio.

Foram consideradas as funções que requeriam a maior área, paralelamente com a praça, e definiu-se uma estratégia de reabilitação e demolição.

O desenho em planta revelou-se importante para estabelecer relações entre o terreno da antiga fábrica e a forma urbana de Riba de Ave, permitindo objectivar a localização ideal para cada elemento do programa.

As primeiras visitas ao terreno trataram de perceber as características de cada edifício, assim como, a sua possível reabilitação; mas foi o desenho em planta que permitiu uma certa frieza, necessária para estabelecer uma estratégia de distribuição e organização.

Pretendeu-se estabelecer vínculos entre a Avenida e o complexo, e entre a Avenida e o Rio, de modo que se contemplou a criação de aberturas no complexo, rasgando-o, e produzindo um ritmo de vazios ao longo da Avenida. Estes vazios, são os novos momentos de relação com o Rio.

Para obter estes vazios, foi necessário definir que edifícios seriam demolidos. Evidentemente, todos os edifícios constituem memória na Vila e, juntos formaram em tempos uma fábrica; mas a unidade deste complexo não vive de cada edifício por si, isto é, o seu todo não é comprometido com a demolição de certos volumes.

Considerando, ainda, a ausência de um projecto unitário entre os testemunhos de diferentes épocas, resultantes, antes, de um processo de acumulação, considerou-se sensato e sustentável demolir algumas partes do complexo.

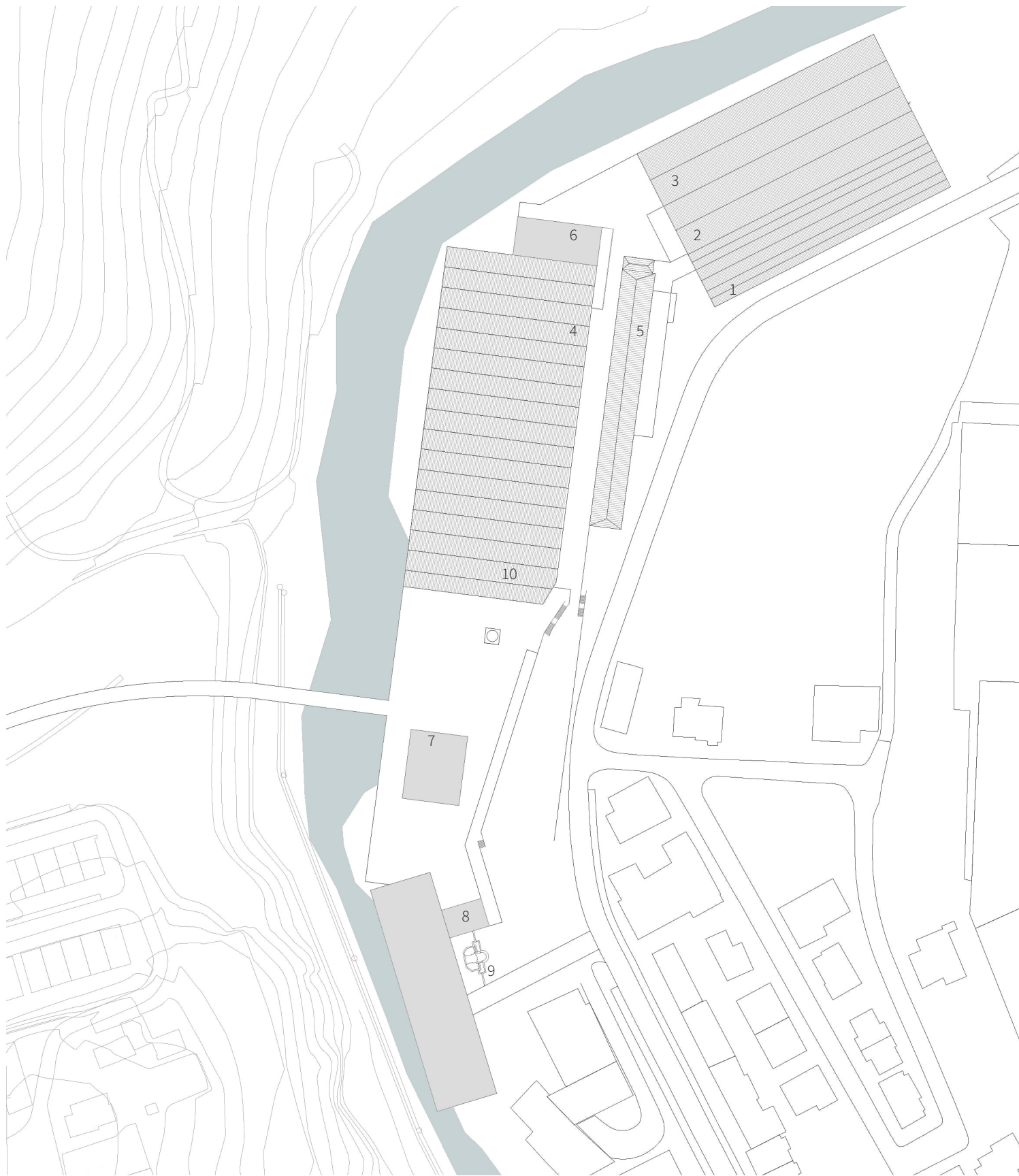
O critério estabeleceu que os edifícios do lado norte, por se mostrarem mais representativos em termos formais, conterem elementos arquitectónicos claramente industriais, apelando directamente à história da fábrica, deveriam ser reabilitados. E os edifícios a sul, que já tinham sofrido várias alterações à sua forma original e se encontravam num estado mais avançado de degradação, tornando a reabilitação mais difícil, deveriam ser demolidos, criando aí o vazio necessário para a implantação da praça principal.

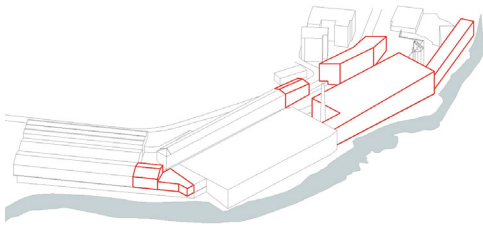
“Em um trabalho de restauração arquitectónica é preciso criar e fazer uma selecção rigorosa do passado. O resultado é o que chamamos de presente histórico.” (Bo Bardi, 1990, 171)

Colocando a praça a sul do terreno, garantiu-se a sua proximidade com os restantes serviços da Avenida, tais como, cafés, o Cineteatro Narciso Ferreira, etc., sendo o futuro museu a peça que se assumiu, desde logo, como o equipamento mais beneficiado da proximidade à nova praça; para garantir uma qualidade de acessos e conforto no uso destes equipamentos o estacionamento e a cafetaria foram implantados também na sua adjacência.

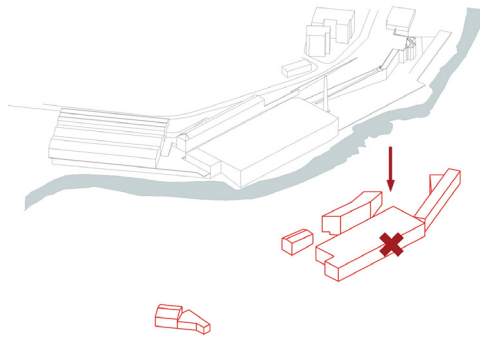
44| Proposta: Planta de coberturas.

- 1 - Sala de Documentação
- 2 - Sala de Reservas (vol 1)
- 3 - Sala de Reservas (vol.2)
- 4 - Museu
- 5 - Edifício Polivalente
- 6 - Cais de cargas e descargas
- 7 - Cafetaria
- 8 - Estacionamento
- 9 - Monumento a Narciso Ferreira

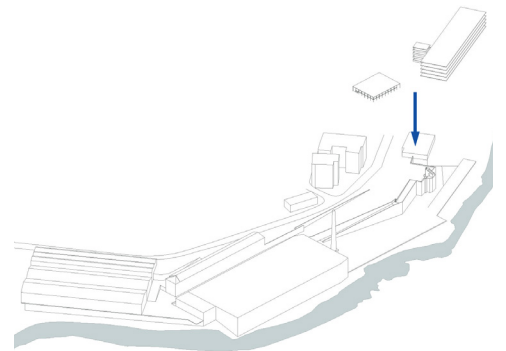




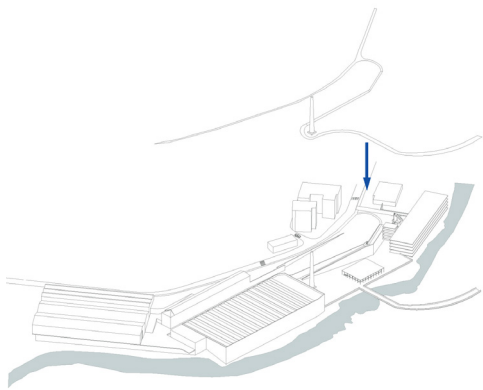
A vermelho assinalam-se os edifícios destinados a demolição. Optou-se por garantir a geometria mais regular de cada um dos pavilhões. Os edifícios de maior relevância patrimonial mantêm-se para reabilitação e serão destinados a albergar o programa museológico.



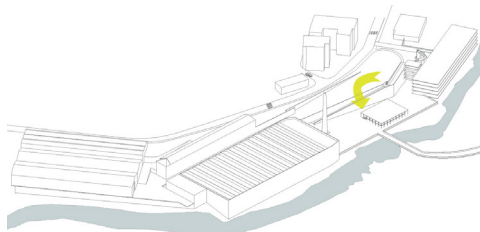
Uma vez removidos os volumes, constatamos a possibilidade de implantação da nova praça. Destaca-se, ainda, a rampa de acesso à cota inferior, que já existia, mas onde se propõe um alargamento, de maneira a gerar alinhamentos com os edifícios do complexo e a receber uma nova ciclovia.



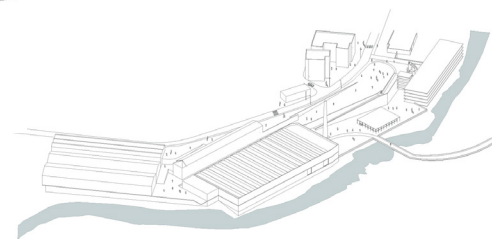
O projecto propõe apenas novas edificações para os programas de estacionamento e cafeteria/restaurante, por se considerar que são os de mais simples execução, e ainda, porque se propõe que estes funcionem de forma independente do complexo.



A ciclovia e a nova ponte que atravessa o rio ave foram desenhadas de modo a criar um percurso dinâmico pela praça usando ainda a chaminé como marco neste percurso.



Percebe-se a permeabilidade que agora existe entre a Avenida Narciso Ferreira e o Rio Ave.



Deste modo, propicia-se o aproveitamento do espaço público.

Percurso/circulações e Praça

A praça foi fundamental para a concretização da estratégia urbana descrita. Intenta atrair, e conduzir, o utilizador ao complexo, dirigindo o movimento da Avenida Narciso Ferreira em direcção ao Rio e ao núcleo central do complexo. Mas o complexo vive de vários edifícios e da ligação que estes conseguem estabelecer entre si. O “espaço-entre”, os percursos e nichos de paragem foram por isso fundamentais nesta proposta. Estes espaços são moldados pela sua morfologia, a qual determina diferentes apropriações, velocidades e usos dos mesmos.

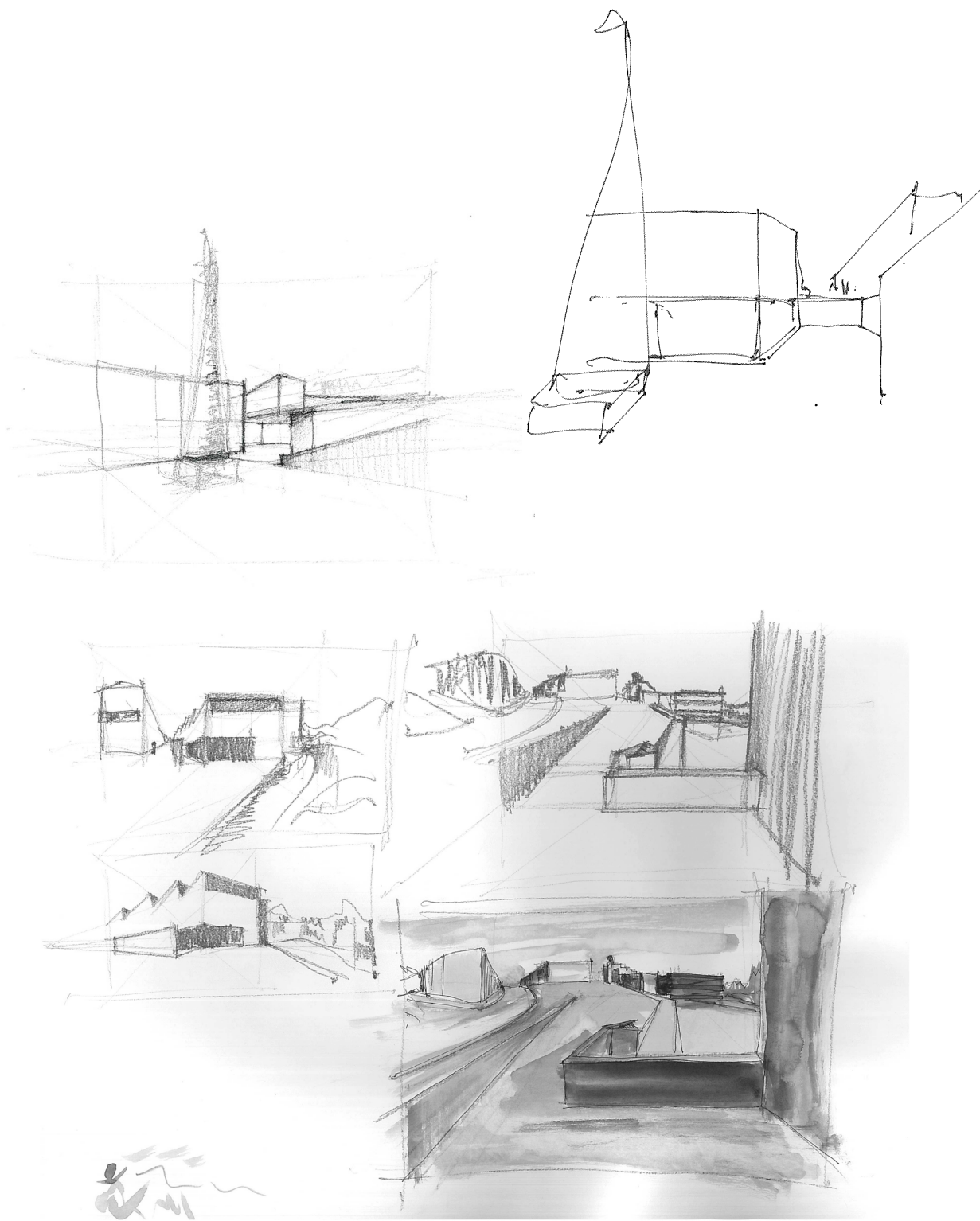
Num primeiro momento existe o largo, que constituía a entrada da antiga fábrica e onde se situa o monumento a Narciso Ferreira. Subindo a Avenida, este largo é a primeira relação da Avenida com o complexo. A partir deste largo desenvolvem-se duas direcções.

A primeira constitui a sua continuidade, que afinando, culmina no início da rua interior do complexo. Esta “rua” é um percurso paralelo à Avenida, permitindo a distribuição a várias unidades do complexo; termina num pequeno largo que serve de recepção ao pavilhão, onde se propõe a instalação da sala de reservas, desenhando um varandim com vista para o rio.

Forma-se assim, um eixo longitudinal que une todo o complexo, onde se podem vir a desenrolar eventos locais, tais como feiras. Esta rua interior termina num segundo largo, que recebe a entrada do antigo edifício de tecelagem, agora sala de reservas. Estes dois largos pontuam aberturas na Avenida, abrindo o seu alçado e oferecendo assim ao utilizador a imagem do rio. Os largos e a rua interna são como uma primeira camada, o primeiro soalco do complexo, o mais agitado, onde se passeia e a partir do qual se visitam os diferentes programas do complexo.

A segunda direcção traduz-se numa rampa que termina na praça principal, que se encontra a uma cota mais baixa, de modo a preservar a proximidade ao rio. No largo vemos a chaminé de tijolo que, juntamente com a rampa e o muro de suporte definem, a entrada principal no Museu.

Apesar das demolições o desenho da praça é simples, o projecto pretende apenas intervir com pequenas alterações nos alinhamentos das rampas e muros de suporte já existentes no terreno. Por se situar a uma cota mais baixa, do que a da Avenida,



45| Esquços de estudo da relação entre os percursos, a praça e os edifícios.

a praça está isolada do movimento automóvel, conseguindo um carácter mais abrigado e tranquilo. Apesar de não ser visível da rua, teria o elemento da chaminé para chamar a atenção do visitante e o convidar a descer. A chaminé de tijolo agora isolada na praça, pretende ser um objecto regulador do vazio estabelecido, torre que marca assim o fim da rampa de acesso à plataforma e estabelece um nicho de entrada no principal edifício do complexo, o Museu da Indústria Têxtil.

Para garantir a uniformidade da praça, optou-se por usar uma gama de materiais uniformes. Concentrado na condição física da superfície da praça, o desenho tem como objectivo trazer dignidade ao espaço existente, despertando a atenção para as suas características materiais. A marcação das vias de peões seria efectuada com materiais mais suaves, como placas de betão, ou placagem de granito.

A clareza da escolha de materiais confere simplicidade à linguagem da praça, que a uma escala mais aproximada, não deixa de ter complexidade, uma vez que a superfície unitária é composta por diferentes texturas e graduações de cores.

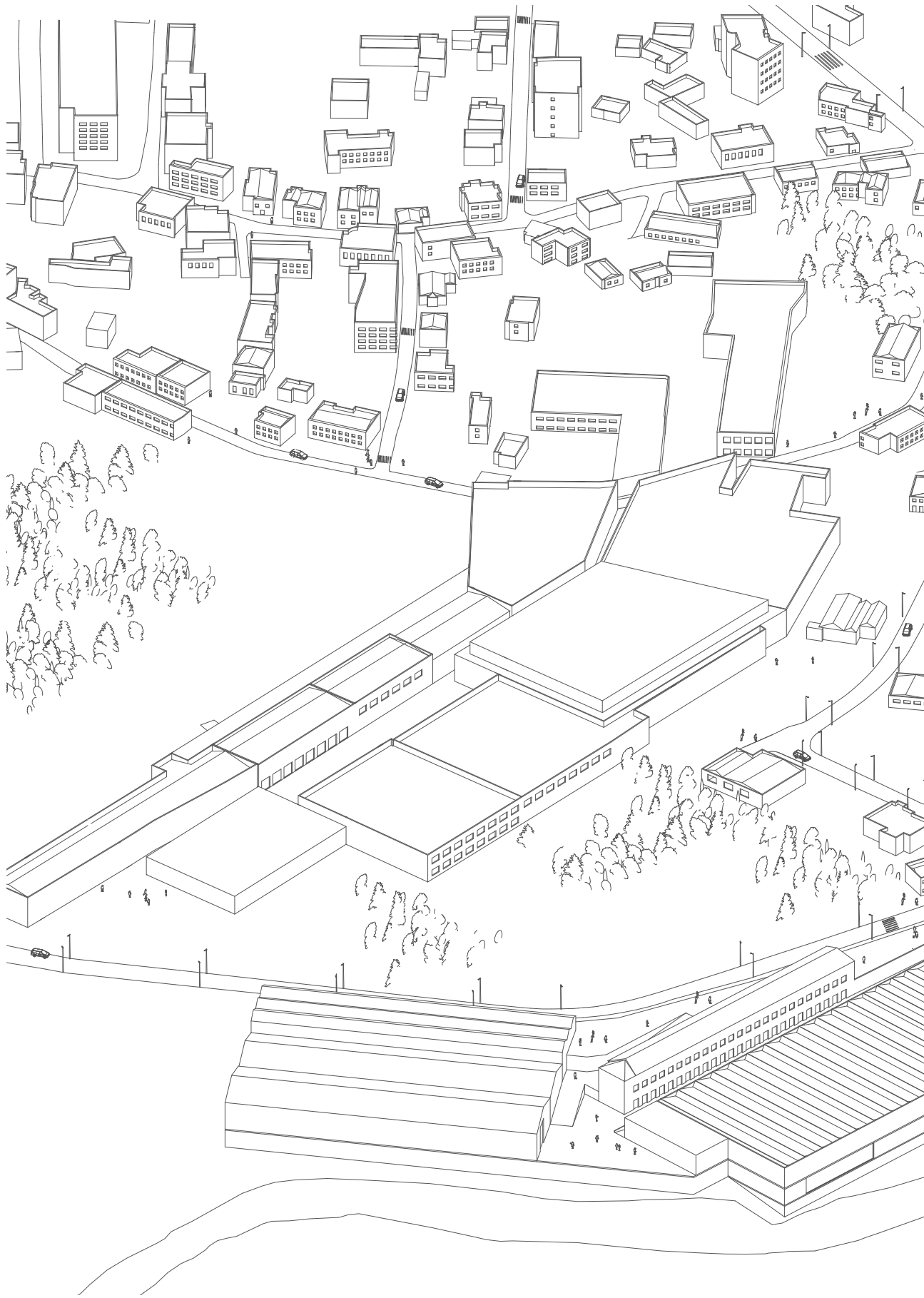
Considerou-se importante para o projecto da antiga fábrica distinguir, na praça, os diferentes tipos de vias que a atravessam, como a ciclovia, e passagem de peões, assim como momentos de paragens como a entrada de edifícios, e a marcação de zonas de esplanadas.

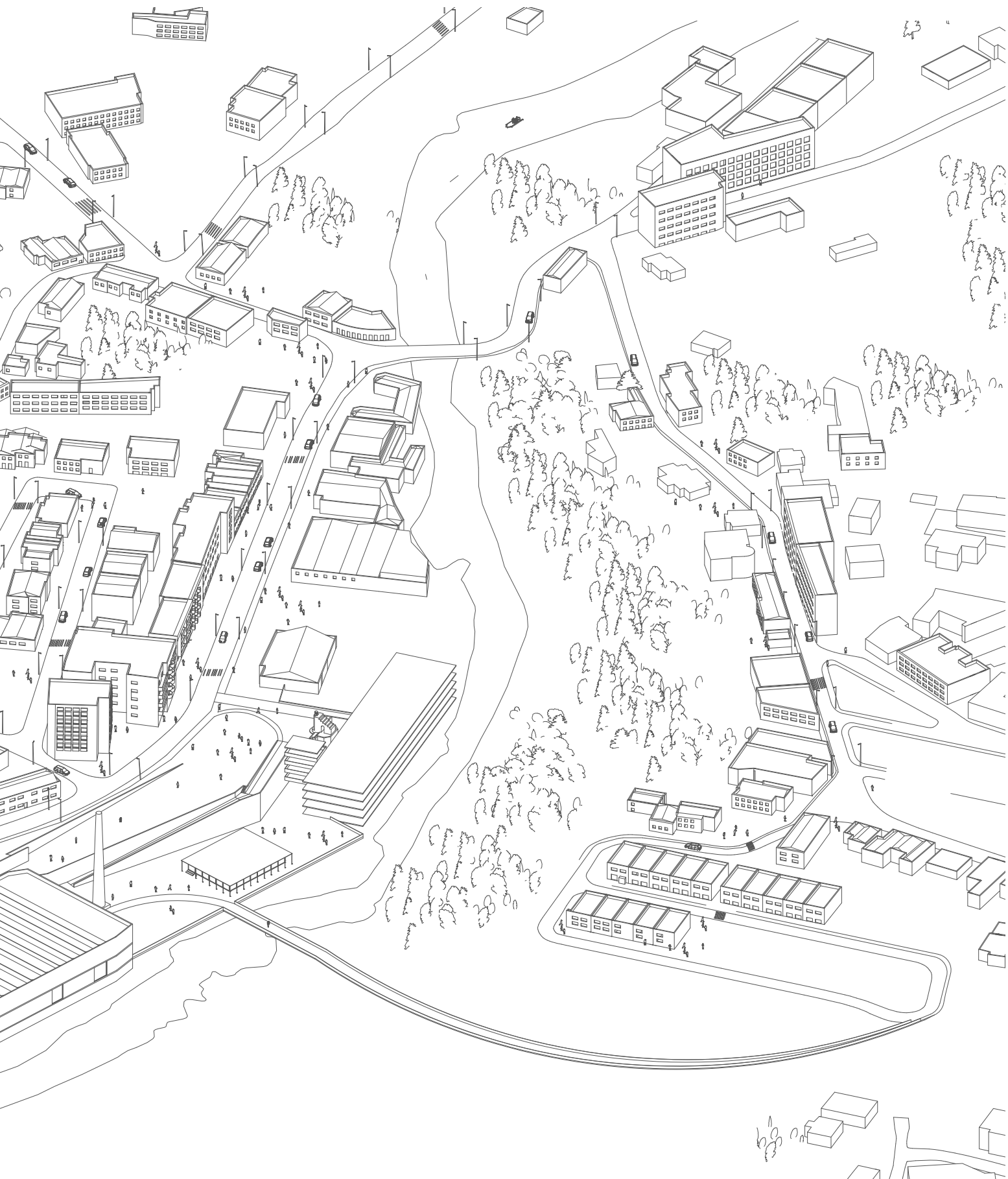
Como não houve tempo, nem seria pertinente, avançar com desenho de mobiliário urbano, ou mesmo um plano detalhado destas diferenças de material na superfície da praça, ficou apenas presente a ideia concretizada num esboço inicial. Pretende-se que a praça traduza uma vontade de oferecer um contributo ao espaço público contemporâneo.

O desenho da praça foi também complementado com a introdução de uma ponte, que atravessando o rio, estabeleceria uma relação com a freguesia vizinha de São Mateus.

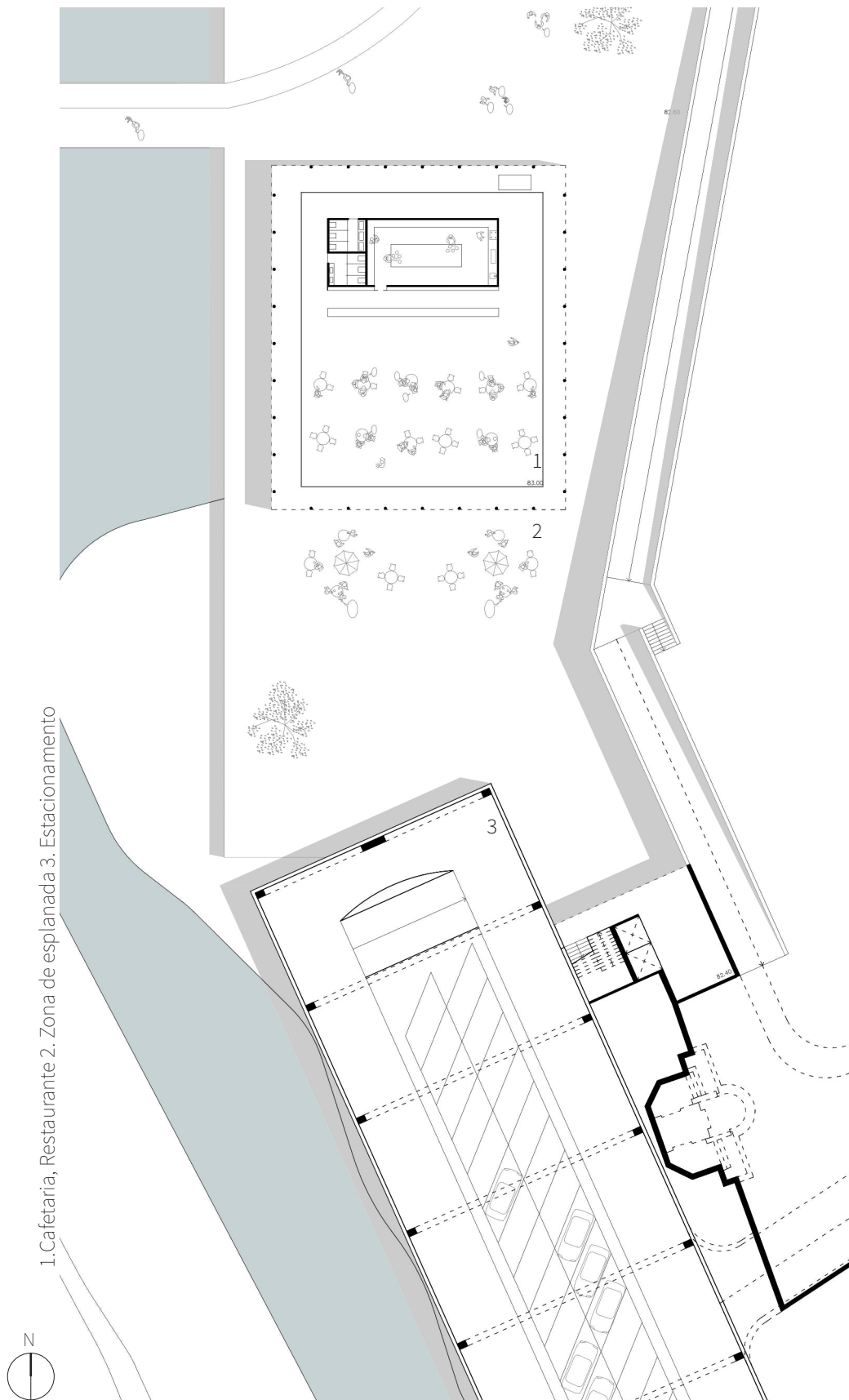
Esta freguesia partilha a maioria de serviços com Riba de Ave, e constatou-se que a actual ponte não cumpre as necessidades da população uma vez que é exclusivamente viária.

Apresenta-se assim, deste modo uma segunda solução de atravessamento, e uma possível expansão da pista de ciclovia.





46| Axonometria ilustrando a implantação.



Cafeteria

A cafeteria e restaurante configura-se num volume independente do complexo. Prevê-se que possa funcionar de modo independente. Optou-se por implantar este volume na praça, sendo que a sua localização ajuda a conformar o vazio da plataforma.

Deste modo, a cafeteria está em relação com o espaço público da vila, tem visibilidade para o rio, e ainda se encontra próxima da entrada do museu, conferindo ao programa um valor acrescentado.

O volume procurou ser delicado, e transparente. Consiste numa estrutura metálica, com pilares tubulares, que suportam uma cobertura, procurando o mínimo de espessura e visibilidade na praça. Dentro da envolvente de pilares surge um plano vertical, transparente, composto por portas de correr, que poderão ser abertas em dias de Verão prolongado o espaço interior para a esplanada.

Pretende-se assim, que este espaço esteja em continuidade com a praça, sendo acima de tudo, uma transparência fluida.

Estacionamento

Na mesma linha de pensamento, surge o edifício de estacionamento. Tanto este como a cafeteria, foram os únicos volumes propostos a serem construídos de raiz. O parque de estacionamento, não tenciona destacar-se no complexo, mas sim rematar o seu limite, a sul. Esta localização mostrou-se conveniente, na proximidade ao Cineteatro Narciso Ferreira.

Além disso, esta implantação permite a possibilidade de acesso à cota mais alta do complexo, pelo largo, onde se encontra o monumento a Narciso Ferreira, e oferece também a possibilidade, de acesso através da praça, na cota mais baixa, unindo ambos por uma caixa de escadas e elevador que desenha o nó volumétrico entre o muro de suporte e edifício.

Trata-se de um edifício simples, e pretendeu-se que fosse económico e fácil de executar, é um volume totalmente aberto, apenas composto por pilares e lajes de betão armado.

A sua simplicidade estrutural, pode também ser útil caso se considere necessário desenvolver certas actividades da vila nesta estrutura, tais como, concertos, feiras etc.



48| Desenho sob fotografia, espaço a reabilitar em Museu.

Museu

Pareceu desde logo evidente, que o edifício a albergar o programa museológico seria aquele onde antes se desenvolvia o processo de fiação. Este volume, pela sua dimensão, e posição, central, no complexo, é o que mais se destaca no conjunto da antiga fábrica.

A sua hierarquia está vinculada com a sua forma. Trata-se de um grande volume de planta rectangular com cobertura em “*shed*”, característica em edifícios industriais. Considerou-se pertinente que este edifício fosse a nova cara do conjunto, idealizado, no projecto, com um novo alçado, potenciado pela abertura da praça. Este marca a entrada principal no novo equipamento.

Propõe-se que o edifício acolha a sala de exposições permanente, a maior do programa (3.000m²), a sala de exposições temporária (800m²), bilheteira, livraria, e recepção do museu.

O Museu da Indústria Têxtil reúne maquinaria para demonstrar o processo de produção do linho e algodão. Algumas destas peças, como por exemplo o Tear de Jaçard (4m x 2,25m x 5,40m), são objectos de grandes dimensões. O regulamento do concurso estipula, por isso, que a sala de exposições do museu deve ter um pé-direito de nove metros, e que deve ser garantida a facilidade de deslocação destes objectos. Consequentemente, o projecto propõe retirar a laje entre pisos, e reforçar os pilares existentes, realçando a estrutura do volume. Esta estrutura é composta por uma grelha de vigas, assentes em pilares, ambos em betão, que formam módulos de 13m por 7m. Cada um destes módulos forma longitudinalmente duas estruturas triangulares, também em betão, onde assenta a cobertura. A cobertura garante uma iluminação uniforme a norte e para acentuar esse efeito, todos os vãos que se encontravam nos planos de parede, foram encerrados.

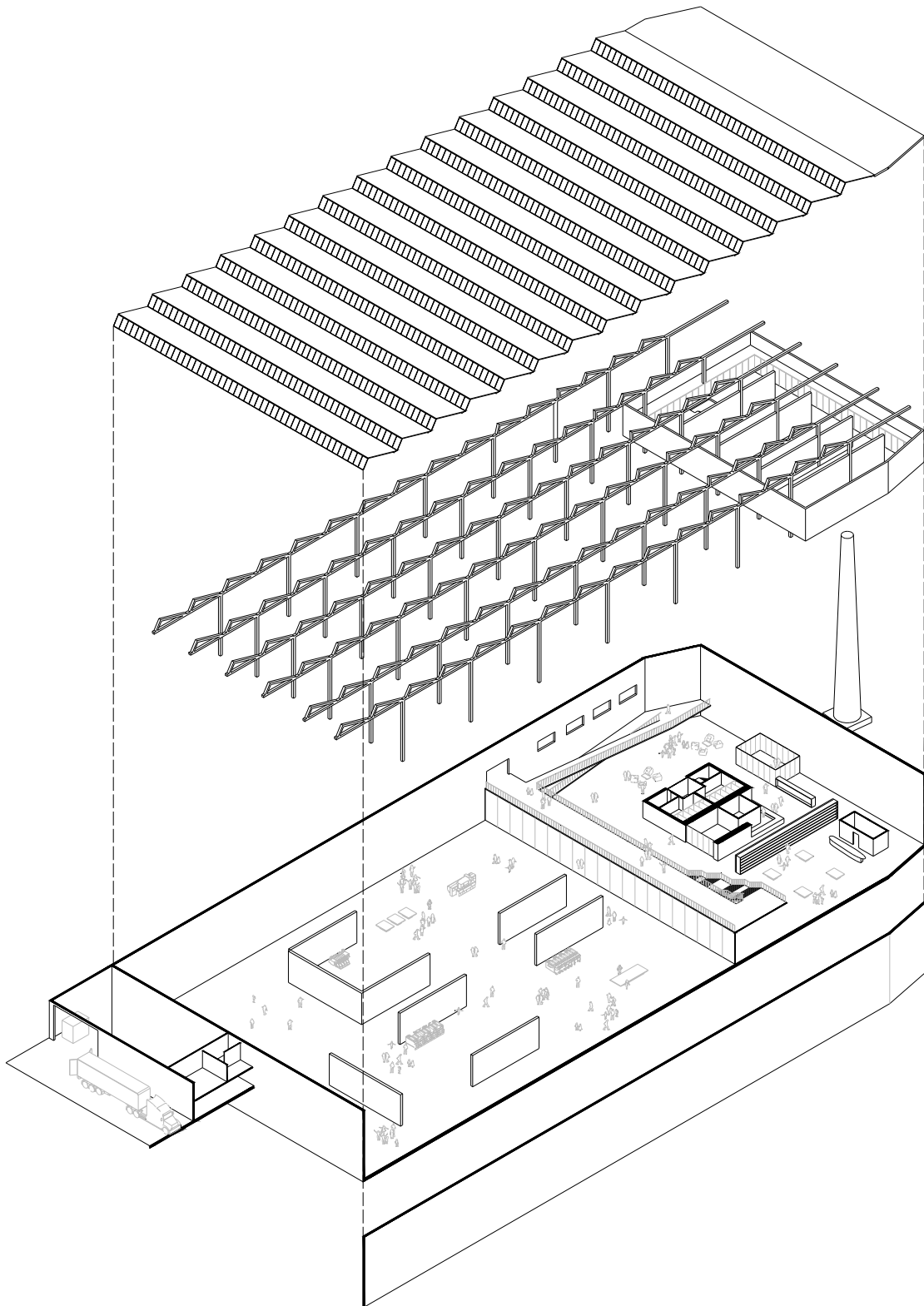
Este volume forma na sua essência um grande pavilhão, completamente livre, apenas pontuado por pilares. Procurou-se dividi-lo em dois momentos; a entrada, recepção, livraria, zona pública e de distribuição; e o momento de exposição.

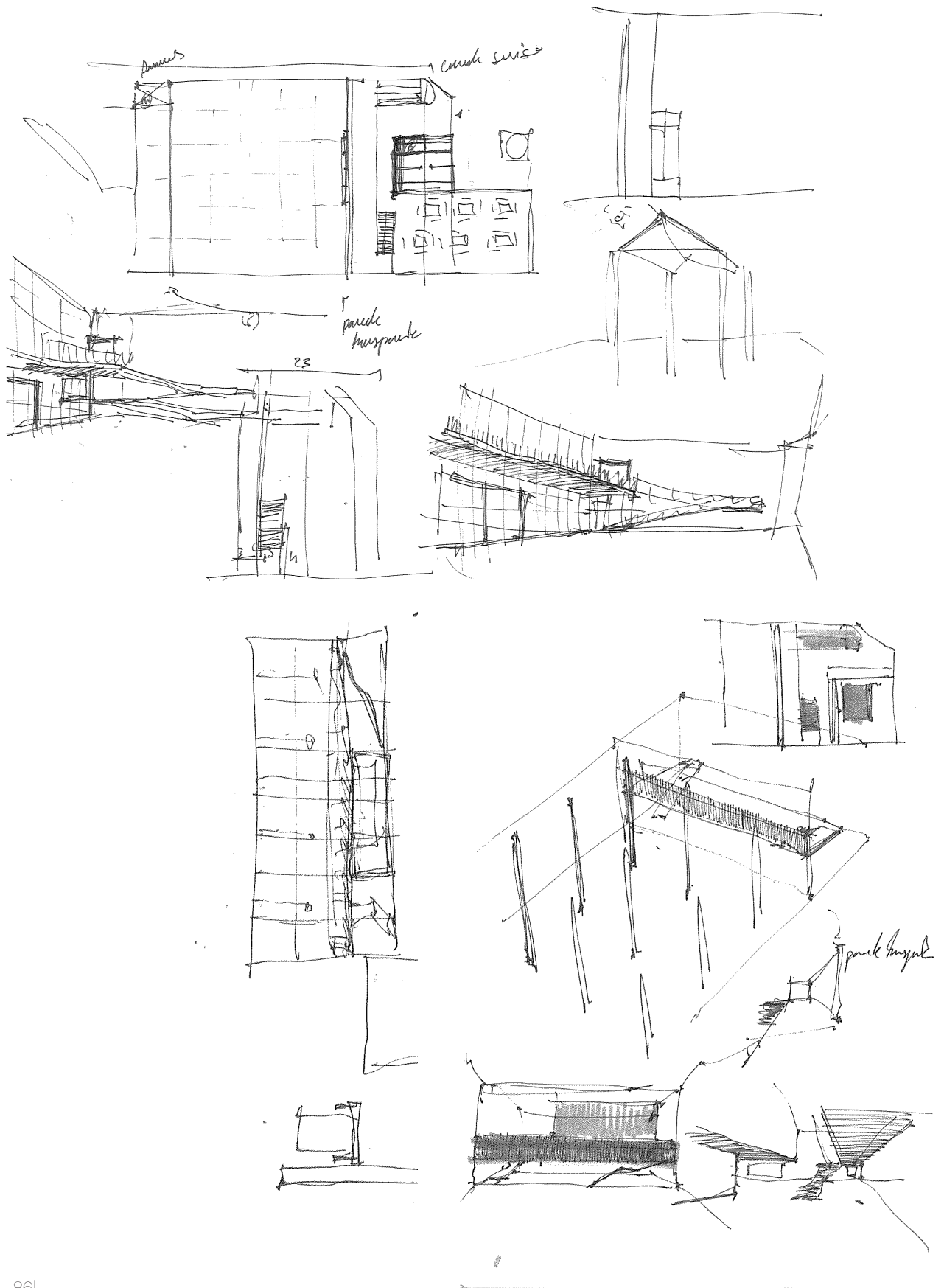
Uma vez que, anteriormente, existia neste volume uma laje de piso intermédia, a relação deste com a rua interior (à mesma cota) era muito forte. Na tentativa de preservar essa relação desenhou-se o acesso a essa cota, através de uma ponte, que cria uma *mezzanine* para a sala de exposições e foyer. Este gesto marca visualmente a separação dos dois momentos programáticos do volume, definindo a entrada da sala de exposições.

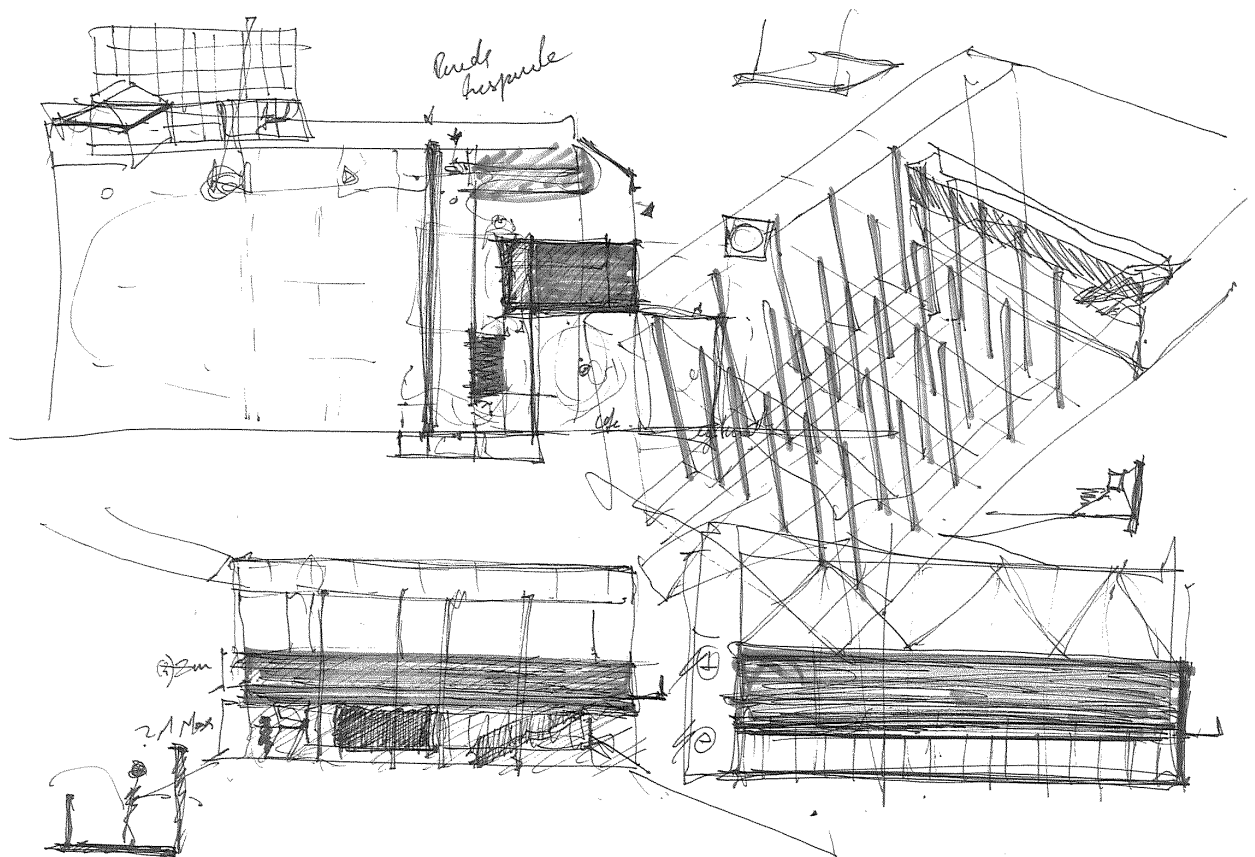
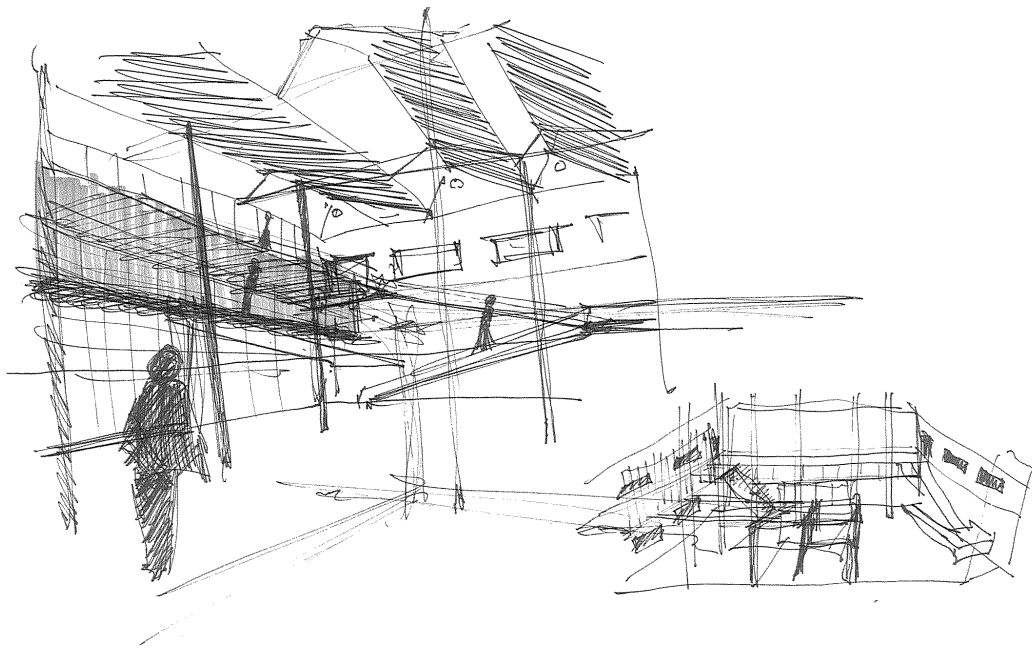
O projecto pretende, assim, garantir uma diversidade de percursos entre os vários edifícios do complexo.

O momento de entrada é mediado por uma caixa de vidro, possibilitando uma rápida visualização da zona de recepção e *foyer*, mas apenas permitindo o acesso a um corredor definido por um móvel expositivo. Tomando essa direcção o utilizador verá, em seguida, a livraria e poderá optar por visitá-la ou seguir para a recepção do museu. Todo este programa está marcado por uma diferença de pé direito, sendo que só no *foyer* se compreende a altura total do espaço. O *mezzanine* que divide a zona de *foyer* da sala de exposições pode ser acedido através de uma escada ou de uma rampa, que lhe garante a acessibilidade.

Pretendeu-se que esta ampla sala conseguisse receber vários registos expositivos e por isso considerou-se importante garantir a versatilidade do espaço. Não se desenharam divisões entre exposição permanente e temporária, no entanto sugeriu-se um sistema de paredes móveis, que poderão ser dispostas entre os pilares consoante as necessidades da exposição a decorrer.





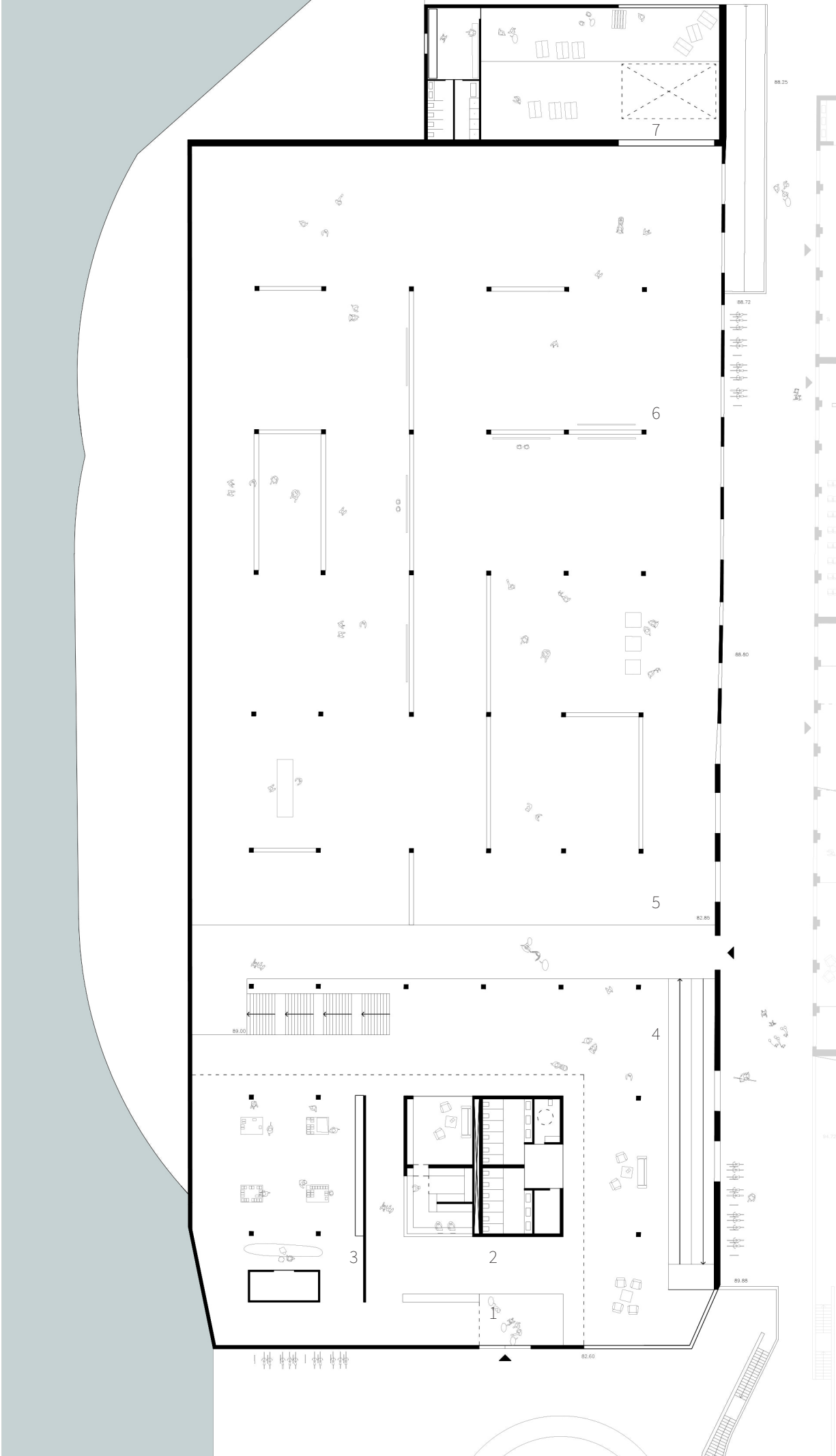


50 | Esquços de estudo, espaço de exposições, acessos e distribuição .



51| Proposta: Vista da Sala de Exposições Permanente.

1. Entrada pela Praça 2. Foyer, Recepção 3. Livraria 4. Passagem, acesso pela cota superior 5. Exposição Permanente 6. Exposição Temporária 7. Zona de cargas e descargas



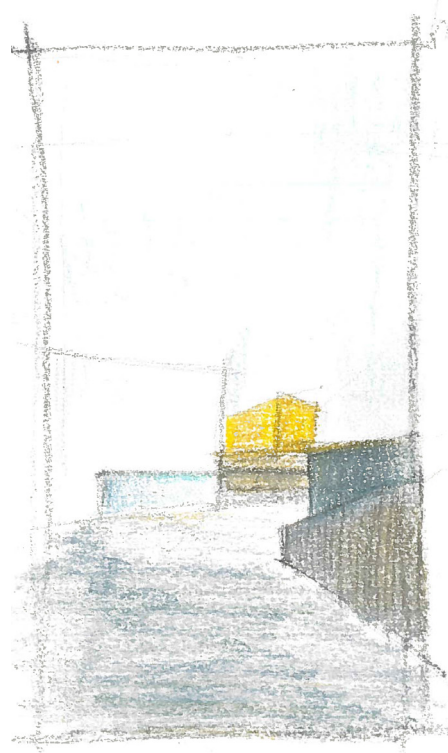


53| Desenho sob fotografia, espaço a reabilitar em Edifício Polivalente.

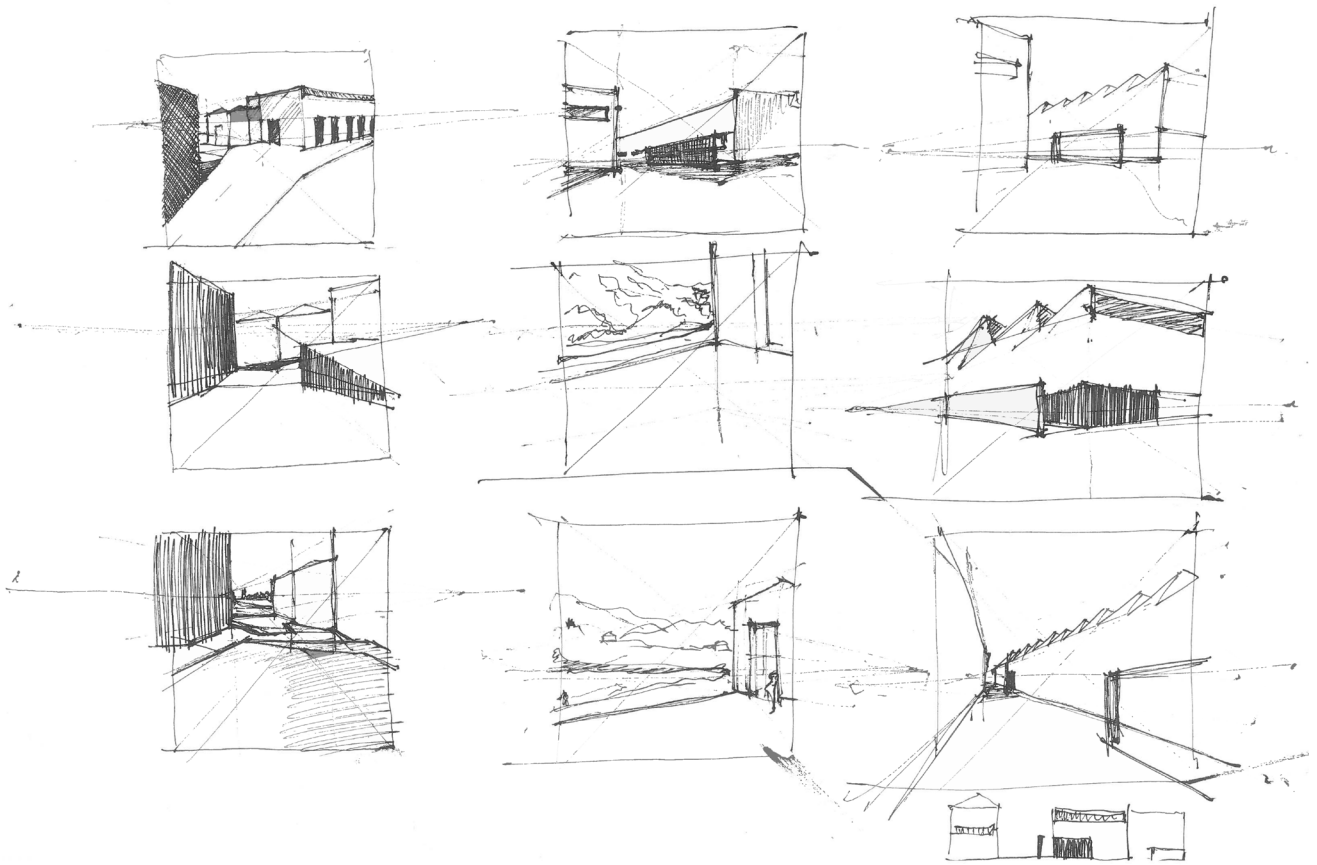
Edifício Polivalente

Trata-se de um volume com pouca largura e bastante comprido, limitando as possibilidades de distribuição interior. O edifício tinha a particularidade de estar implantado no limite do terreno com a Avenida Narciso Ferreira, oferecendo o alçado longitudinal à rua, agora descoberto do antigo muro que limitava o terreno. O alçado oposto criava a uma cota mais baixa uma segunda rua (no interior do complexo) desenhada entre este volume e o segundo piso do edifício de exposições.

Por estar numa posição tão central no complexo considerou-se que deveria ter um carácter dinâmico, de modo a gerar movimento e permeabilidade entre duas vias que o definem. Foram pensados para o piso inferior os gabinetes de administração, sala de reuniões, conferências e os serviços educativos, deste modo todos os trabalhadores do complexo se cruzaram nesta rua interior e o edifício ganha uma polivalência dentro do complexo. No piso superior não foi atribuído um programa, deixando-o disponível para uma ocupação de carácter privado, com a intenção de atrair lojas ou outros estabelecimentos interessados em adquirir uma sala na Avenida Narciso Ferreira.



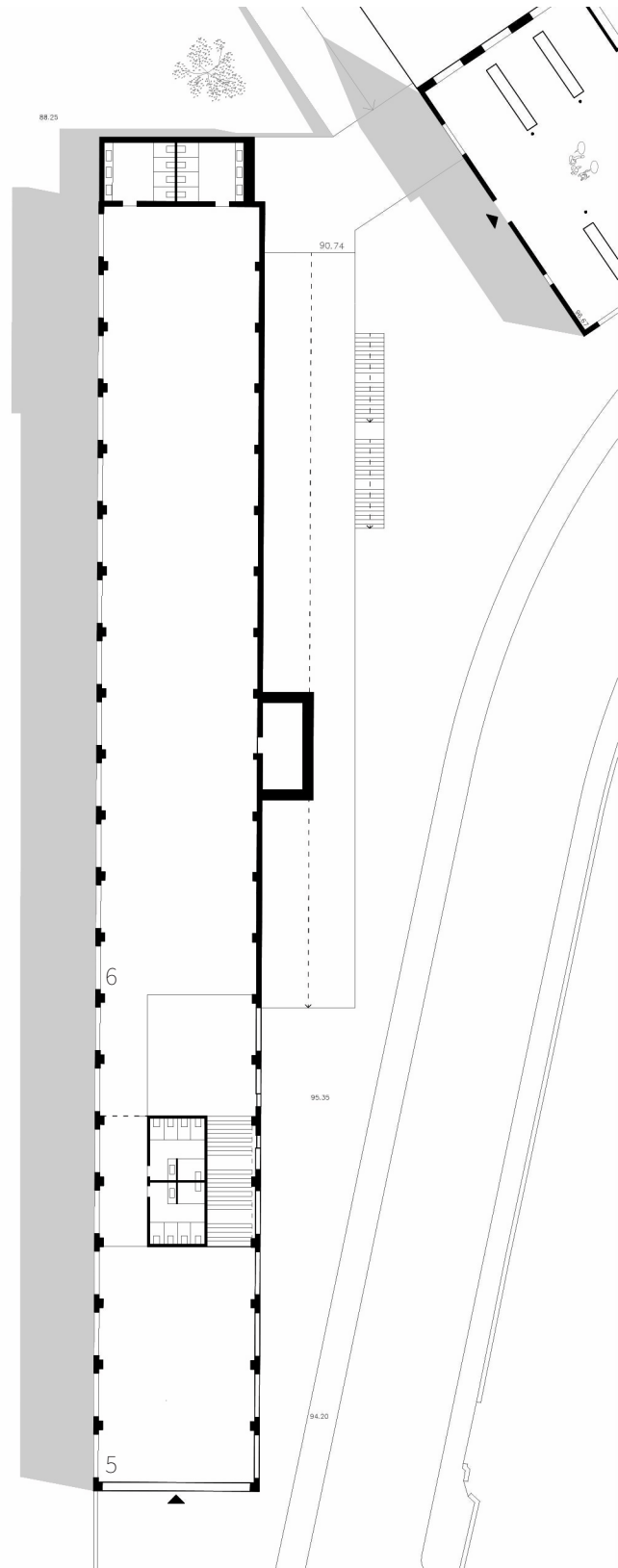
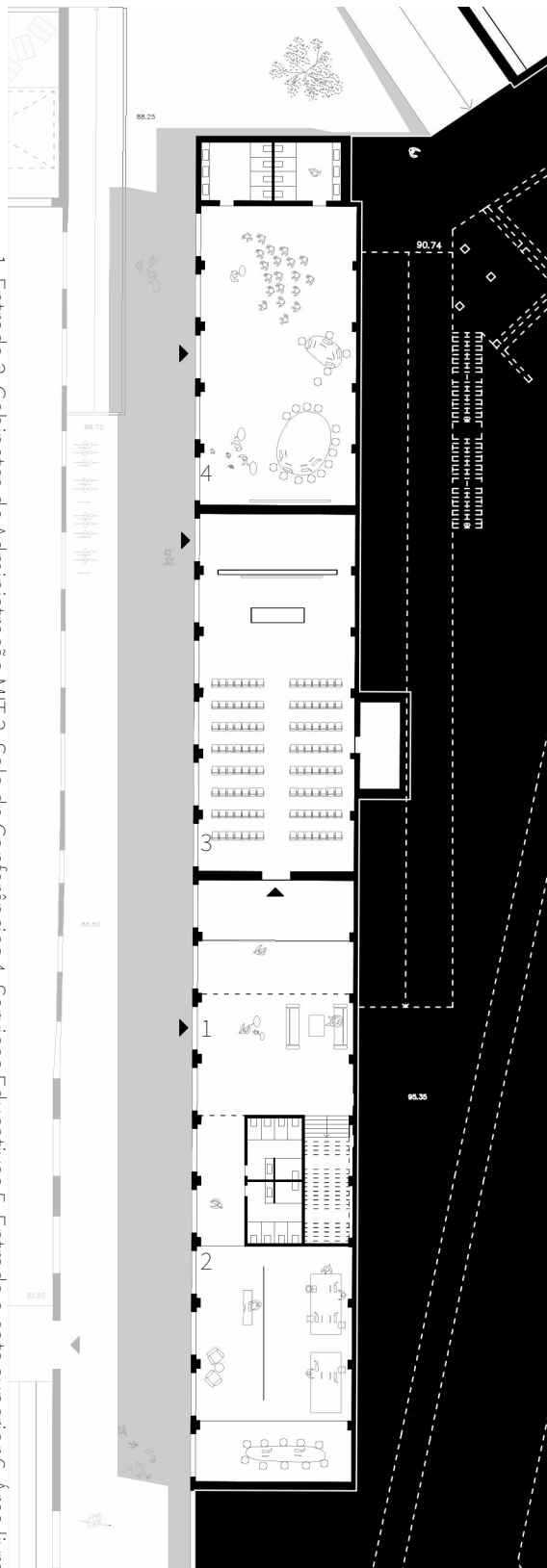
54| Esboço, vista a partir da praça com Edifício Polivalente, a dourado, em segundo plano.



55| Esquiços de estudo, chegada à "rua interior".



1. Entrada 2. Gabinetes de Administração MIT 3. Sala de Conferências 4. Serviços Educativos 5. Entrada a cota superior 6. Área livre



Corte constructivo

Uma vez que o projecto trata uma reabilitação onde se pretende fazer sobressair a identidade da localidade, associada à memória da fábrica, a escolha dos métodos construtivos e dos materiais foi ditada pela conservação dos edifícios, procurando manter na maioria dos casos a materialidade existente.

Nos edifícios existentes com estrutura em betão, onde se constatava que a cobertura era constituída por uma estrutura metálica e revestida a chapa ondulada, optou-se por manter o seu revestimento a reboco, pintado de branco; conservando assim a materialidade dos edifícios, apenas se propõe a substituição da caixilharia.

Existe ainda outro grupo de edifícios, que são constituídos por estrutura de pilar e viga de betão e paredes de tijolo, mas têm um sistema de cobertura com estrutura em madeira e revestido a telha cerâmica. Tratam-se de dois edifícios, um deles, onde se destina a sala de documentação, é o volume mais antigo da fábrica, e por isso propõe-se que este permaneça com a mesma materialidade com que foi projectado, mantendo-se o revestimento a reboco, pintado de branco.

No restante, o edifício Polivalente, a proposta de intervenção optou pelo uso de um revestimento a chapa metálica. Este volume como explicitado no texto anterior, tem uma localização particular no complexo, por um lado é o volume com mais visibilidade na avenida Narciso Ferreira, e por outro tem uma posição muito central no complexo, tendo uma relação com todos os restantes edifícios.

Deste modo, optou-se por dar destaque a este volume, e deste modo dinamizar o complexo.

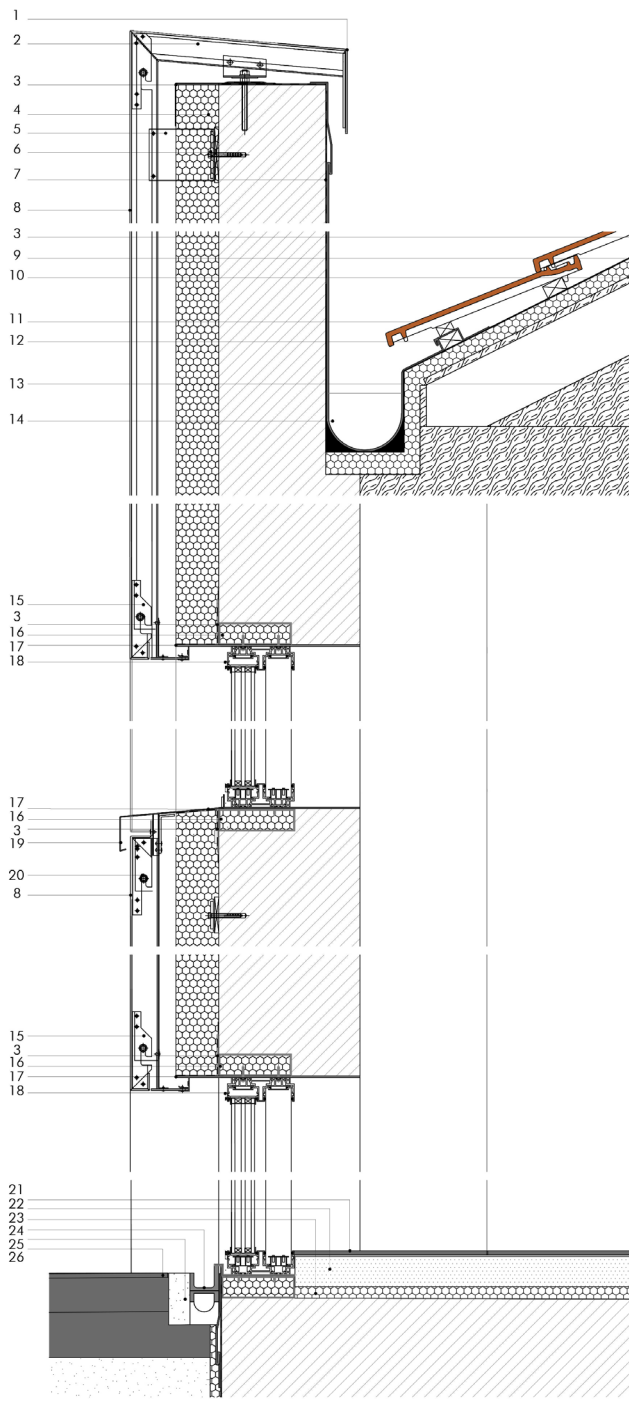
Escolheu-se revestir o volume com uma chapa metálica de cor dourada, o material é composto por um painel constituído por duas chapas de cobertura de alumínio com um núcleo mineral.

Considera-se que deste modo o complexo consegue manter uma uniformidade entre as partes sem negar uma consequência da contemporaneidade na sua materialidade.

57| Corte Constructivo | Escala 1: 20

94|

1 – Alucobond (Fixing Angle)	10 – Tecto de madeira (existente)	17 – Chapa metálica
2 – Alucobond (Fascia, suspended Tray Panels)	11 – Telha plasma premium, coelho da silva, sor vermelho natural, com junta alinhada	18 – Caixilho de correr
3 – Tela de impermeabilização	12 – Ripa de madeira	19 – Folha de alumínio
4 – Isolamento térmico	13 – Estrutura de madeira (existente)	20 – Alucobond window SLTL
5 – U-Section (65x55x2.5)	14 – Caleira	21 – Magres, smoke
6 – Fixador	15 – Alucobond lower cladding end	22 – Camada de regularização
7 – Calha de suporte de tela	16 – Pré-aro	23 – Isolamento térmico
8 – Alucobond Gold Metálico 601		24 – Caleira
9 – Isolamento em aglomerado de cortiça expandida		25 – Junta de Pedra de Granito
		26 – Pedra





58| Desenho sob fotografia, espaço a reabilitar em Sala de Reservas.

Sala de reservas

A sala de reservas é composta por uma parte expositiva, que se supõe de carácter temporário, uma zona de restauro e uma zona de inventário. O edifício, cuja antiga função era o processo de tecelagem, foi o escolhido para receber este programa.

Estabeleceu-se que este programa ocuparia os dois armazéns, que se encontravam lado a lado, e que se mostravam semelhantes.

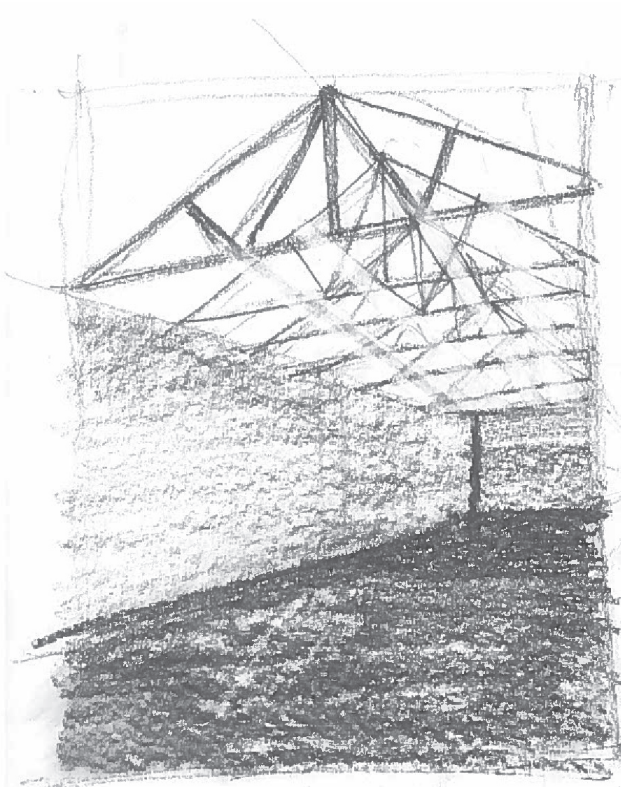
Ambos tinham uma cobertura em chapa ondulada suportada por uma estrutura metálica que apenas assenta nas paredes laterais, deixando um vão livre de 18m. Como requerido estes pavilhões não têm luz natural, e por isso foi pensado um sistema de iluminação artificial, apoiado na estrutura metálica, que pretende acentuar a horizontalidade do espaço, percorrendo a sua direcção longitudinal.

Um dos volumes ficou destinado à parte expositiva enquanto o outro à zona de restauro e inventário. De modo a tornar os serviços mais eficientes, adoptou-se um sistema em corredor, onde, um equivale à zona de inventário, e outro, à zona de reservas. Estas podem interligar-se, permitindo um fácil deslocamento de cargas e informação referente ao trabalho em questão, que pode ser armazenado em proximidade com a sua área de trabalho. Deste modo, cria-se a possibilidade de um movimento rotativo entre a chegada e a saída de peças.

Estes volumes partilham um largo com o edifício de exposições, sendo por isso, aí, que se encontra o cais de cargas e descargas, que serve assim ambos os programas.



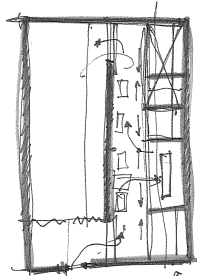
59| Proposta: Vista Sala de Exposições, Sala de Reservas.



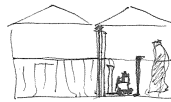
Área Visitável - 1535 m²
 Área Restante - 780 m²
 Área Distribuição - 857 m²
 Cozinha - 200 m²

+ 5372 m²

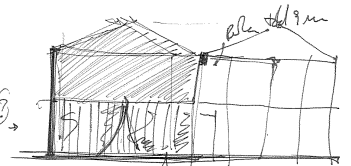
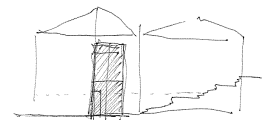
4000 [628 m²]



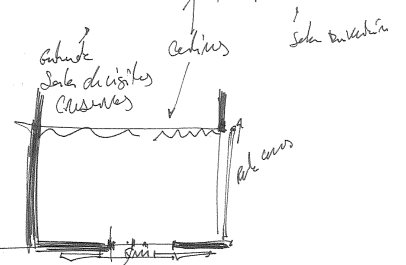
Sala de Restos
Cozinha de Distribuição



guedes

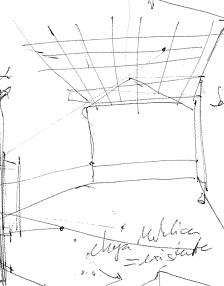
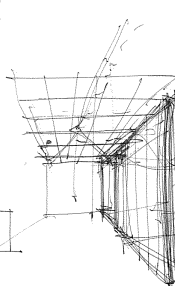


altura 9m

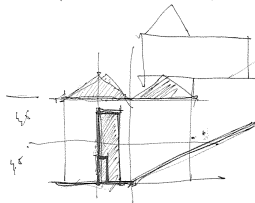


Sala de visitas
Cadeiras
Sala de distribuição

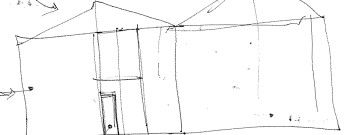
de casa



4000
 Sala Reservas 3426 m²
 P.Dm. 8,88
 P.Dm. 11,24
 → 81 m² de sacos
 → desobriga lojas



Cozinha
 Cozinha existente

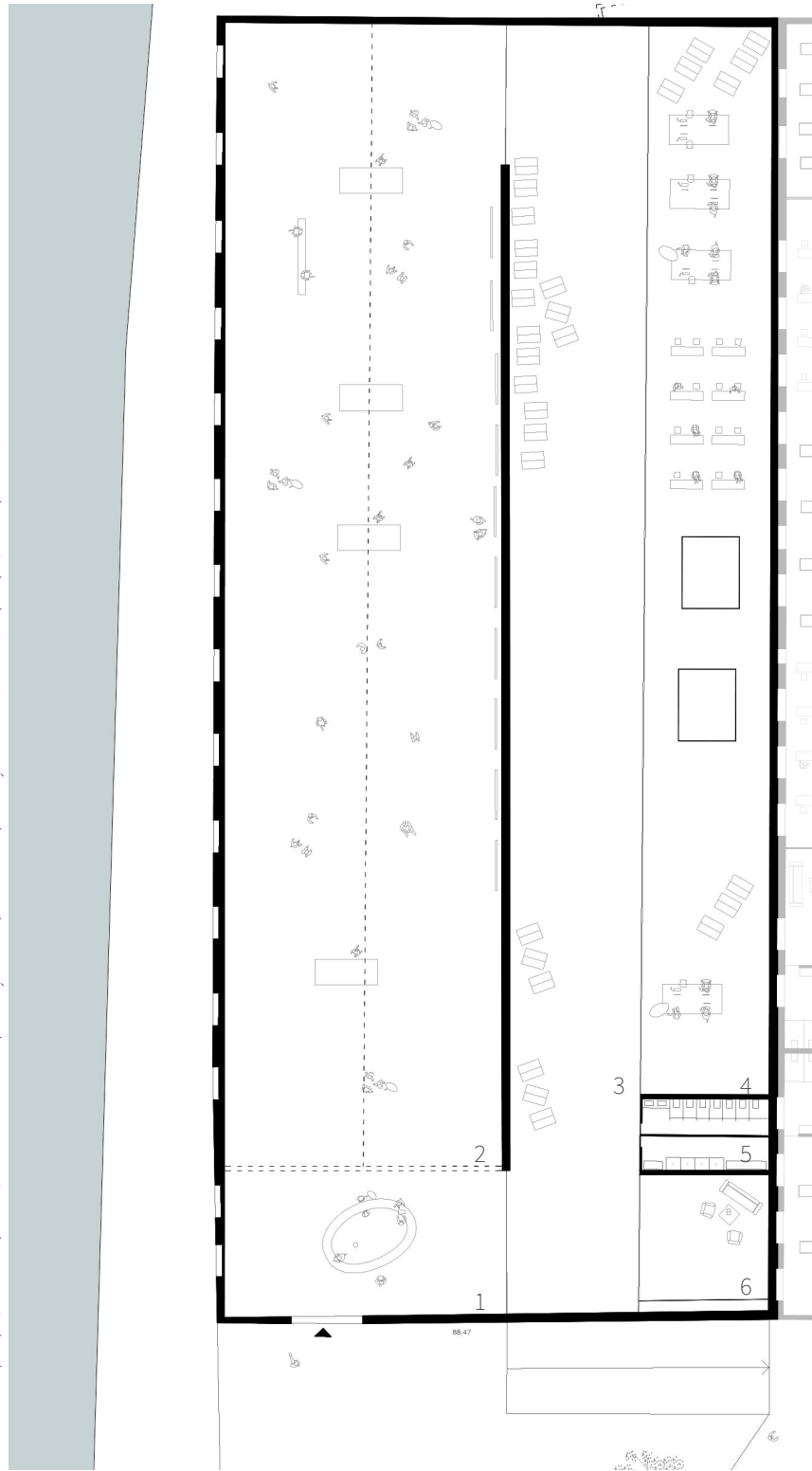


Cozinha
 Cozinha existente
 Cozinha
 Cozinha existente

60 | Esquços de estudo, espaço de exposições Sala de Reservas, esquemas de circulação e distribuição.



1. Entrada 2. Sala de Exposições 3. Área de Inventário 4. Área de Restauro 5. Sanitários 6. Sala de convívio



61| Proposta: Planta do volume 2, Sala de Reservas | Escala 1:500



62| Colagem sob fotografia, espaço a reabilitar em Sala de Documentação.

Sala de Documentação

O centro de documentação pretende ser um edifício que acolha o arquivo do museu, propõe-se que este englobe também uma biblioteca, podendo servir de apoio ao serviço educacional, e ainda uma sala de estudo.

Foi escolhido o antigo edifício de tecelagem, mais a norte do complexo, por se compreender que este programa pode funcionar autonomamente. Entende-se ainda que a sala de documentação é o programa que melhor se enquadra com o carácter de deste edifício, o mais antigo do complexo.

A sua estrutura é de salvaguardar; é composta por uma cobertura em telha cerâmica que apoia numa estrutura de madeira, por sua vez suportada em pilares de ferro fundido, com um motivo decorativo; os pilares estão dispostos em duas fiadas, dividindo o espaço em três corredores longitudinais.

O edifício encontra-se num avançado estado de degradação, a imagem apresentada, apesar de se tratar de outra fábrica (localizada, também, na região do Vale do Ave) ilustra bem o carácter do edifício e o resultado da sua reabilitação.

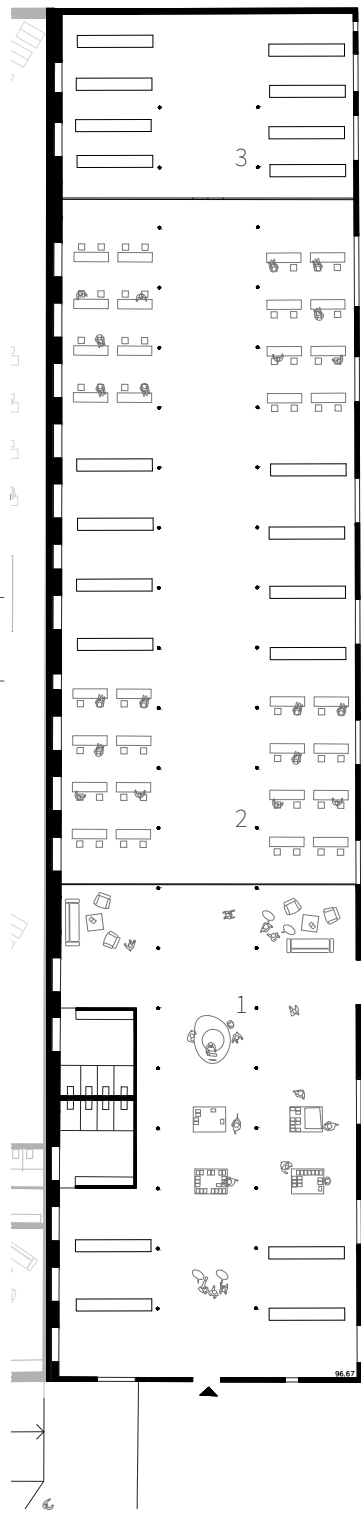
A reabilitação interior deste volume, propõe poucas alterações à sua forma inicial; propõe-se que seja dividido em três partes. A primeira forma a entrada no volume, onde se adicionou uma porta, no lado longitudinal do edifício, abrindo para a Avenida; esta zona tem a ressecção, os serviços sanitários, uma zona de estar, e ainda cacifos e uma zona destinada a exposição de livros, catálogos etc.; a segunda corresponde à zona de estudo e biblioteca acessível ao público; e por último no final do volume, a zona de arquivo e catálogo do museu.

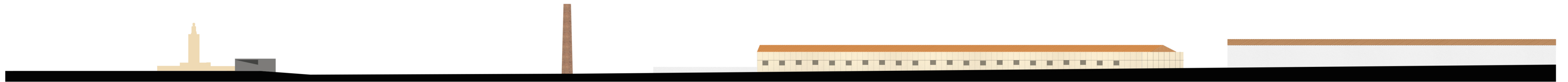


63| Interior da fábrica de Santo Thyrsos depois de reabilitado.
Projecto de Nuno Pinto (2009) (sistema constructivo similar).

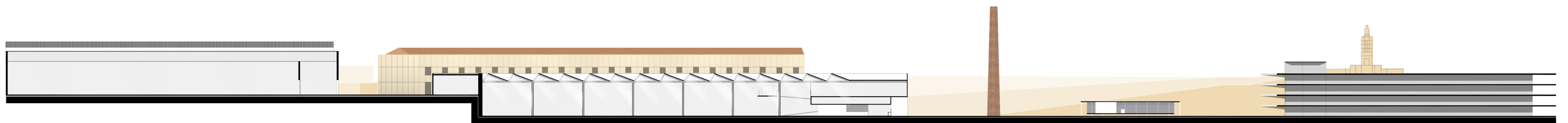


1. Entrada com zona de leitura e livraria 2. Bilhoteca e zona de estudo 3. Área para Arquivo

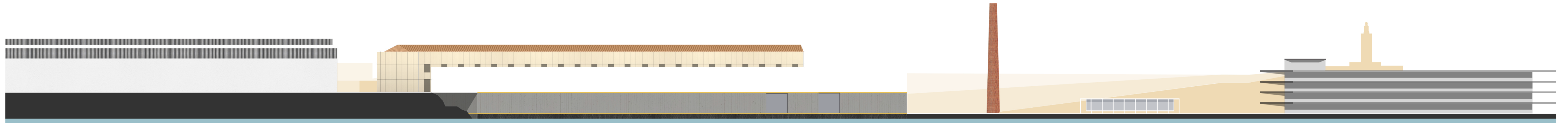




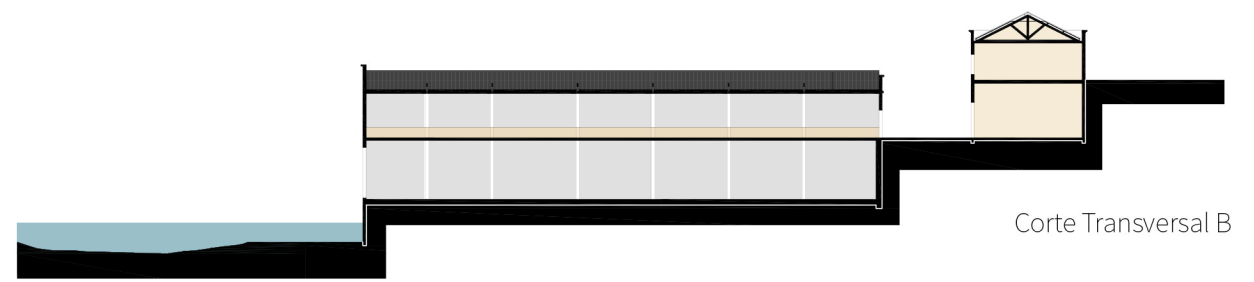
Alçado Avenida Narciso Ferreira



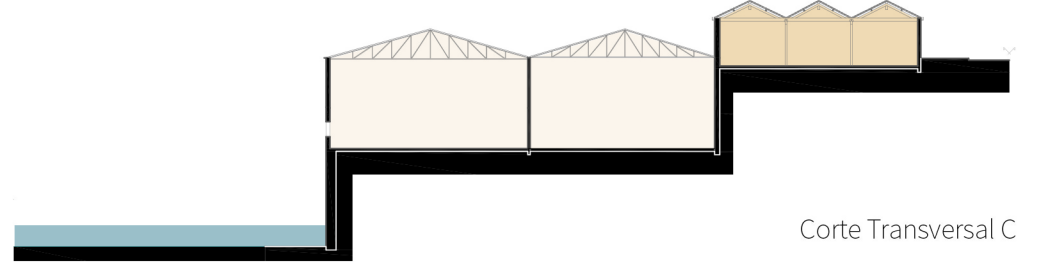
Corte Longitudinal A



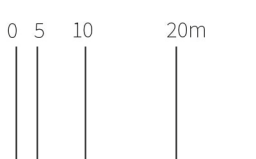
Alçado Rio Ave

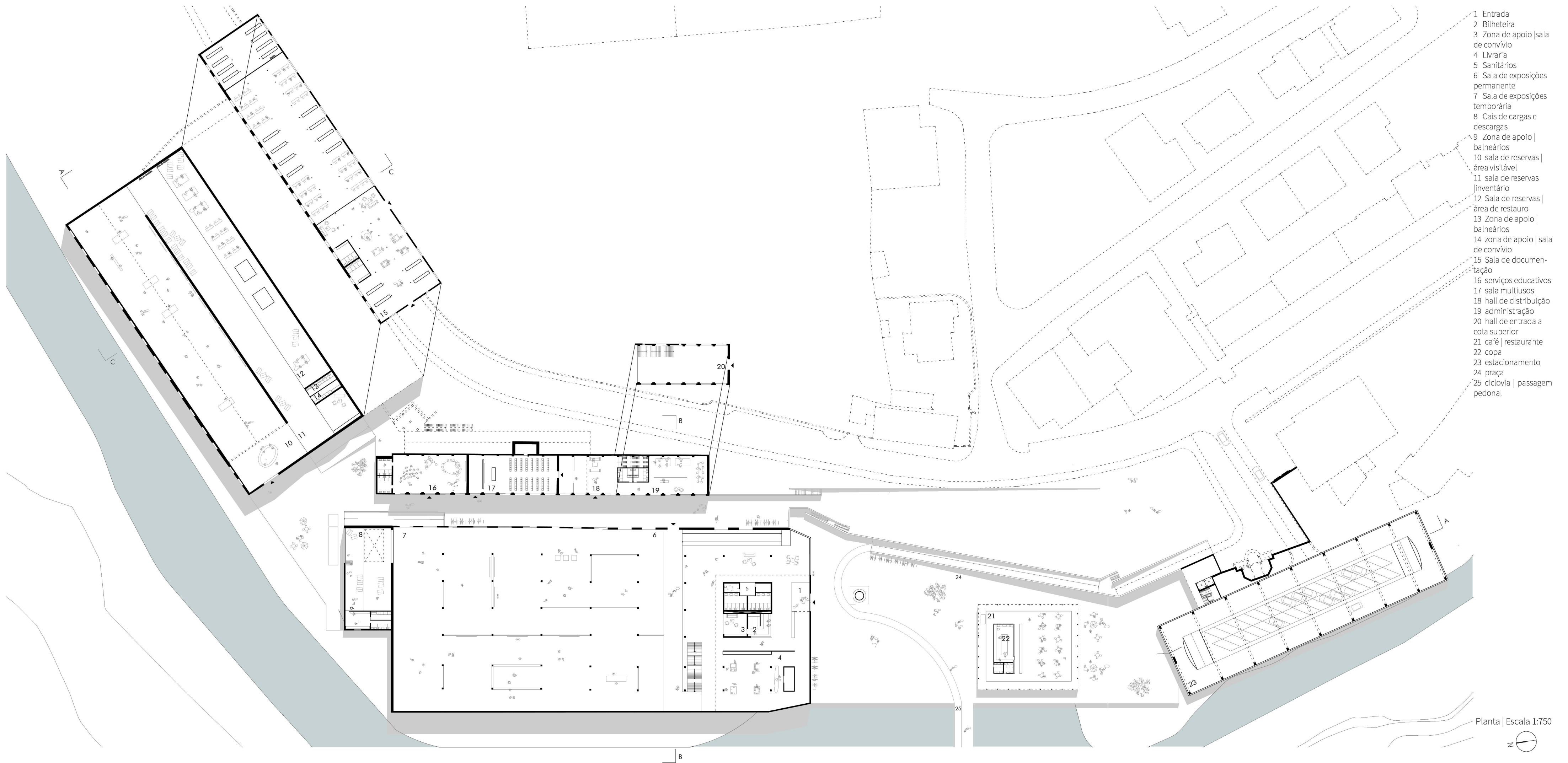


Corte Transversal B



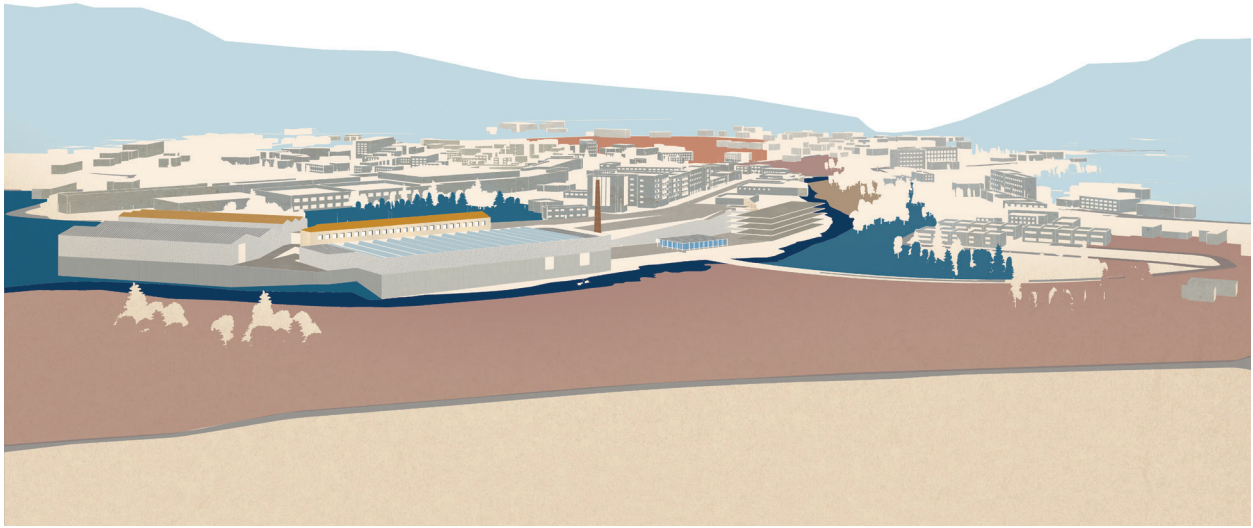
Corte Transversal C





- 1 Entrada
- 2 Bilheteira
- 3 Zona de apoio | sala de convívio
- 4 Livraria
- 5 Sanitários
- 6 Sala de exposições permanente
- 7 Sala de exposições temporária
- 8 Cais de cargas e descargas
- 9 Zona de apoio | balneários
- 10 sala de reservas | área visitável
- 11 sala de reservas | inventário
- 12 Sala de reservas | área de restauro
- 13 Zona de apoio | balneários
- 14 zona de apoio | sala de convívio
- 15 Sala de documentação
- 16 serviços educativos
- 17 sala multiusos
- 18 hall de distribuição
- 19 administração
- 20 hall de entrada a cota superior
- 21 café | restaurante
- 22 copa
- 23 estacionamento
- 24 praça
- 25 ciclovia | passagem pedonal



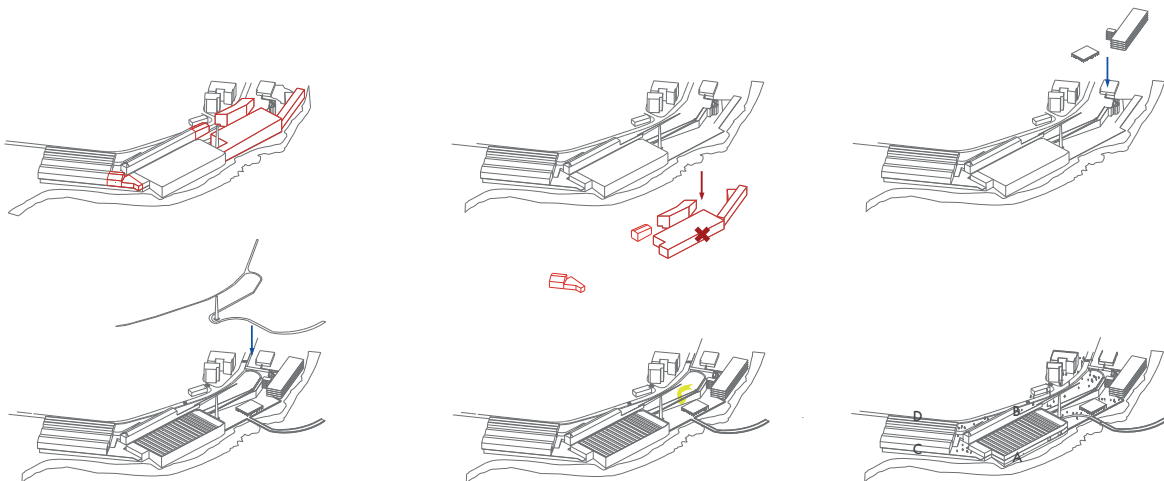


MIT

MUSEU DA INDÚSTRIA TÊXTIL



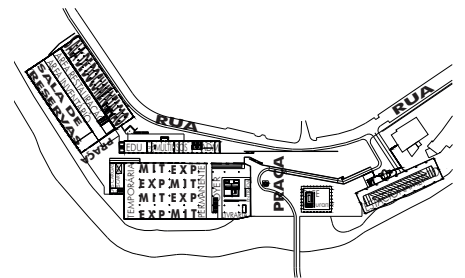
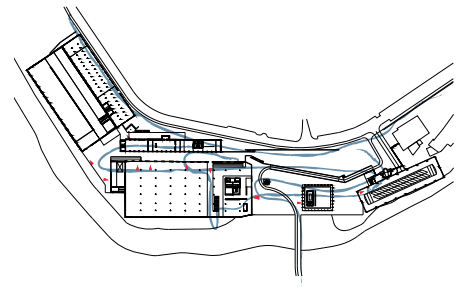
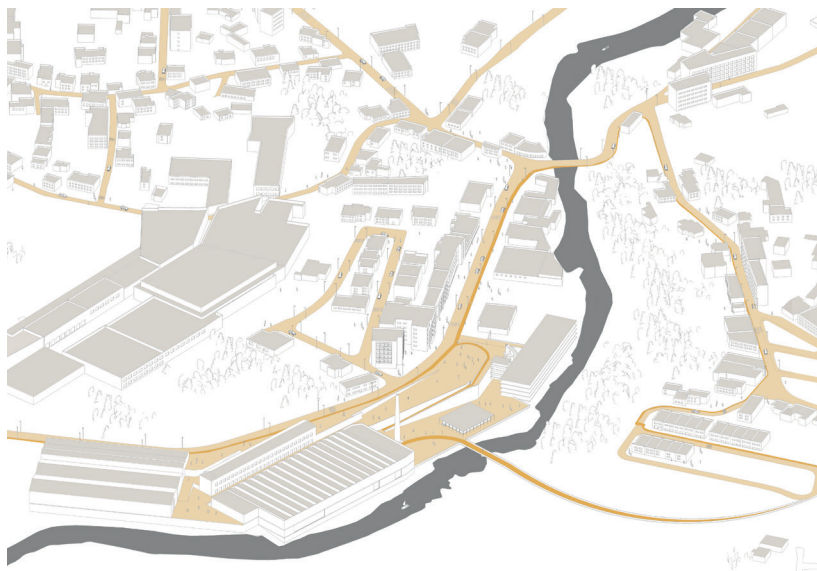
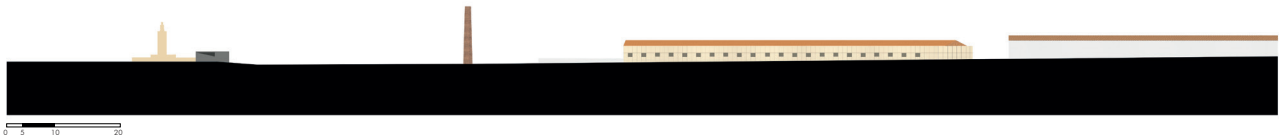
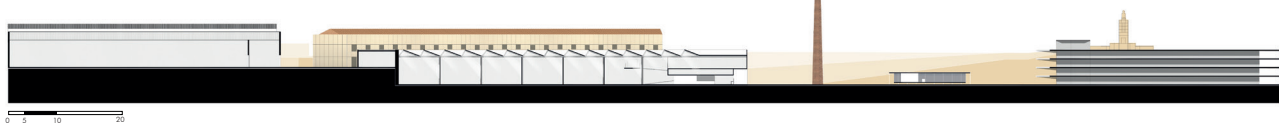
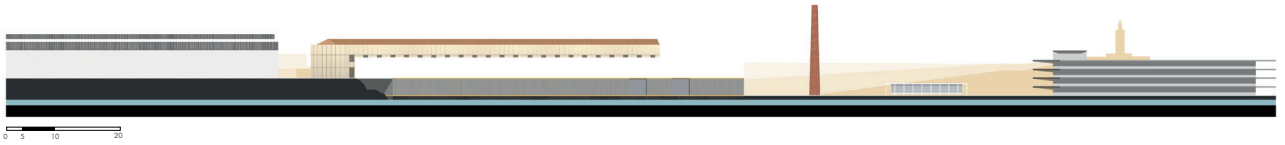
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO 1:5000



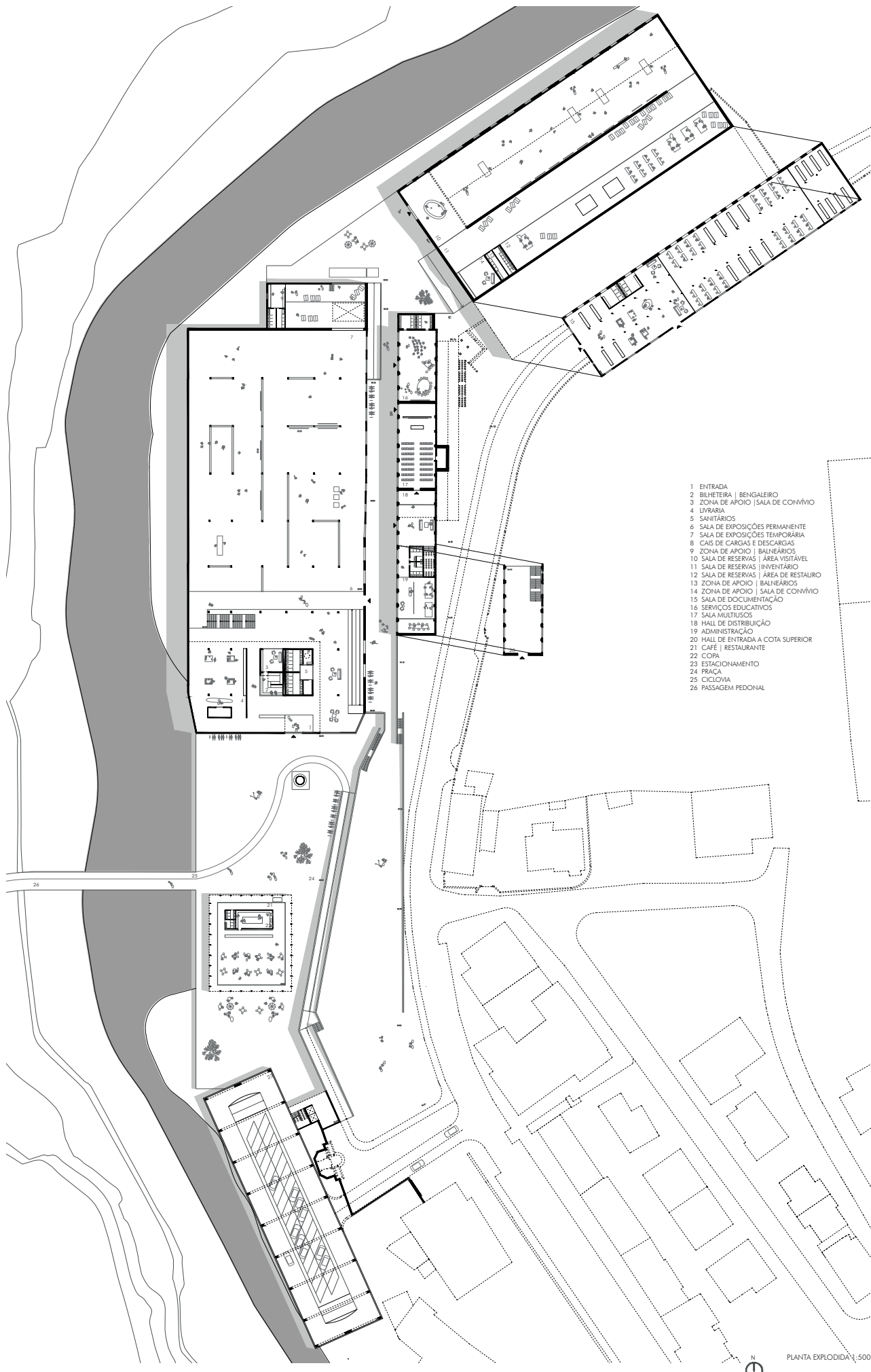
INTERVENÇÃO E REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA E DO NOVO | PRAÇA CHAMINÉ E A ANTIGA FÁBRICA NARCISO FERREIRA

A proposta apresentada tem como objetivo responder às necessidades vigentes, resultando num conjunto de ações e estratégias em torno da revitalização e perpetuação da memória do património local e das grandes unidades industriais que foram impactantes no desenvolvimento socioeconómico da zona do Vale do Ave. Aduzindo assim, a uma intervenção urbana-arquitetónica que resulte numa reativação da frente de rio e frente urbana, a partir do resgate do lote para o tecido urbano; e de uma inevitável revitalização e recuperação dos edifícios existentes, que são o corpo da antiga Fábrica Sampaio, Ferreira e Cia. Lda. O projeto desenvolve-se entre a memória – com a reabilitação do conjunto volumétrico mais a norte, ao qual dispomos a seguinte organização espacial e funcional: Edifício A – o Museu; Edifício B – Espaço Multiusos e Administrativos; Edifício C- Espaço de Reservas e Restauração; Edifício D - Documentação, recuperando a estrutura e dimensão do corpo fabril, reinventando um novo uso – museológico.

Retirando as construções mais develuto da ala sul, revela-se a área destinada à Praça, à ciclovia, à passagem pedonal, ao espaço de restauração/cafetaria, e serve, à cota da avenida, a estrutura do parque do estacionamento. Pretendendo com esta intervenção autonomizar e revitalizar o sentido de estância junto à frente ribeirinha e ativar a dinâmica de frente urbana. A Praça vem deste modo unir a Avenida Narciso Ferreira com o Rio Ave e criar um ponto de reunião e dinâmica na cidade, sem deixar de evocar o seu passado e identidade. Por fim, evidenciamos o elemento |imagem símbolo da laboração industrial – a chaminé “que é a primeira do concelho de Vila Nova de Famalicão e uma das mais antigas da Baía do Ave”. Revela um papel importante no desenho da proposta e na configuração espacial do espaço público, resultando também como um elemento de identificação nos diversos pontos da intervenção e sendo perceptível e de outros pontos da zona envolvente.



FOTOMONTAGEM VISTA EXTERIOR



- 1 ENTRADA
- 2 BILHETERIA | BENGALIEIRO
- 3 ZONA DE APOIO | SALA DE CONVÍVIO
- 4 LIVRARIA
- 5 SANITÁRIOS
- 6 SALA DE EXPOSIÇÕES PERMANENTE
- 7 SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIA
- 8 CAIS DE CARGAS E DESCARGAS
- 9 ZONA DE APOIO | BANHEIROS
- 10 SALA DE RESERVAS | ÁREA VISITÁVEL
- 11 SALA DE RESERVAS | INVENTÁRIO
- 12 SALA DE RESERVAS | ÁREA DE RESTAURO
- 13 ZONA DE APOIO | BANHEIROS
- 14 ZONA DE APOIO | SALA DE CONVÍVIO
- 15 SALA DE DOCUMENTAÇÃO
- 16 SERVIÇOS EDUCATIVOS
- 17 SALA MULTIFUNÇÕES
- 18 HALL DE DISTRIBUIÇÃO
- 19 ADMINISTRAÇÃO
- 20 HALL DE ENTRADA A COTA SUPERIOR
- 21 CAFÉ | RESTAURANTE
- 22 COPA
- 23 ESTACIONAMENTO
- 24 PRAÇA
- 25 CICLOVIA
- 26 PASSAGEM PEDONAL



PLANTA EXPLODIDA \ 500



FOTOMONTAGEM SALA DE EXPOSIÇÕES



FOTOMONTAGEM SALA DE RESERVAS

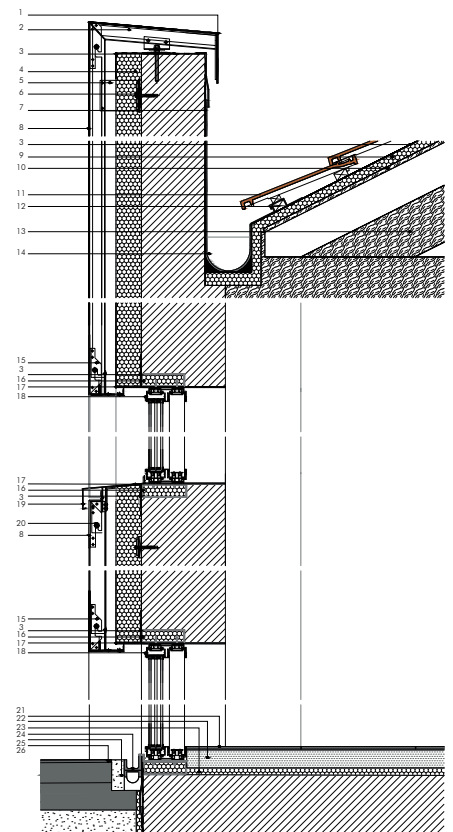


ALGUNS AMBIENTES DE INSPIRAÇÃO

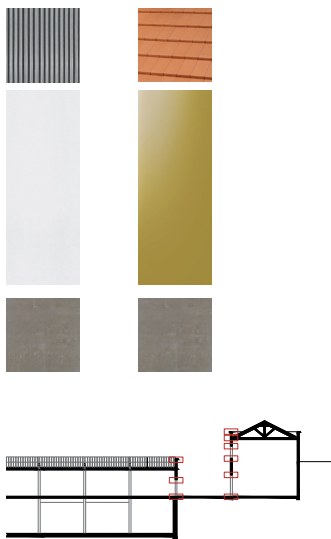


- 1 ALUCOBOND (FIXING ANGLE)
- 2 ALUCOBOND (FASCIA, SUSPENDED TRAY PANELS)
- 3 TELA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
- 4 ISOLAMENTO TÉRMICO (POLIESTIRENO EXTRUDIDO)
- 5 U-SECTION (65X55X2,5)
- 6 FIXADOR - PLACA DE PÁSTICO
- 7 CALHA DE SUPORTE DE TELA
- 8 ALUCOBOND GOLD METÁLICO 601
- 9 ISOLAMENTO EM AGLOMERADO DE CORTIÇA EXPANDIDA
- 10 TECTO DE MADEIRA (CONTRAPLACADO EXISTENTE)
- 11 TELHA PLASMA PREMIUM, COELHO DA SILVA, SA. COR VERMELHO NATURAL, COM JUNTA ALINHADA
- 12 RIPSA DE MADEIRA
- 13 ESTRUTURA DE MADEIRA
- 14 CALEIRA METÁLICA
- 15 ALUCOBOND (FASCIA, SUSPENDED TRAY PANELS)
- 16 LOWER CLADDING END PRÉ-ARQ

- 17 CHAPA METÁLICA
- 18 CAMILHO DE CORRER VITROCSA (PANORAMA)
- 19 FOLHA DE ALUMÍNIO, PEITORIL
- 20 ALUCOBOND WINDOW S/LT (SECTION 4-4)
- 21 MAGRES LINHA SUBWAY, SMOKE (9,5MMX45X90)
- 22 CAMADA DE FORMA (BETÃO LEVE)
- 23 ESPUMA DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO
- 24 CALEIRA METÁLICA
- 25 JUNTA DE PEDRA DE GRANITO 6CM
- 26 MAGRES LINHA EDGE-TOUPE ANTIDERRAPANTE 10,5MMX60X60CM)
- 27 ETICS CAPOTTO COR BRANCA
- 28 SÁ CASTRO ASA PORTA DUPLA MOD 8863
- 29 PORTA DE CORRER DUPLA (INOM)
- 30 CALHA DE SUPORTE DE TELA
- 31 MASSAME DE BETÃO
- 32 BRITA



CORTE CONSTRUTIVO 1:10



Considerações Finais

O desenvolvimento desta Dissertação representou um momento de paragem após a participação no concurso Desafios Urbanos'16. Esse tempo de maturação e reflexão sobre o projecto desenvolvido possibilitou o fortalecimento de uma consciencialização acerca do papel destas estruturas industriais.

A fábrica Sampaio Ferreira acompanhou o crescimento da Vila de Riba de Ave sendo um dos elementos mais marcantes do centro urbano e fazendo parte da memória colectiva da Vila.

Preservar a memória deste espaço é preservar também a identidade da Vila, no entanto, considera-se que essa preservação não é impeditiva de novos modos de apropriação e intervenção na estrutura da antiga fábrica, que se adaptem às necessidades da cidade contemporânea. Existem várias formas de intervir neste tipo de estruturas, que se mostram versáteis a variadíssimos programas, não deixando de preservar as suas qualidades plásticas formais.

O caso da antiga fábrica Robinson é caracterizado pelo factor excepcional porque o projecto foi encomendado ainda com esta ainda em funcionamento. A consciência de que aquele complexo iria precisar de um novo uso, permitiu encontrar uma solução antes de que o mesmo se tornasse um problema; pensar no futuro aproveitamento destes espaços antes dos mesmos entrarem em ruína, tendo consciência de que um complexo industrial abandonado, num meio urbano, tem consequências para a Cidade ou Vila onde está inserido.

A decisão de preservar ou integrar estruturas industriais na cidade contemporânea, não resulta exclusivamente de acções de projecto, mas sim do equilíbrio de um conjunto de factores económicos, políticos e sociais. Abrir espaço para o debate acerca da apropriação destes volumes pode gerar uma nova aceitação urbana das mesmas, ainda que as decisões não sejam estritamente ligadas à conservação.

Bibliografia:

ALVES, J.F. (2001) *Riba d'Ave na Memória da Indústria Algodoeira*. Catálogo. (1ªed). Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão/Museu da Indústria Têxtil.

BECHER, Bernd & BECHER, Hilla (2005) *Basic Forms of Industrial Buildings*. London: Thames & Hudson

BO BARDI, Lina (1986) “O projecto arquitetónico” in LANTORRACA, Giancarlo (ed.) (1999): pp.26-40

BO BARDI, Lina (1990) “Uma aula de arquitetura” in RUBINO, Silvana & GRINOVER, Mariana (orgs.) (2009): pp. 162-176

BORGES, Nestor Rebelo (2012) *Narciso Ferreira: um contemporâneo do seu tempo (1862-1933)*. Riba de Ave: Fundação Narciso Ferreira.

CORDEIRO, José (2003) “Começar de Novo”, *Museu da Indústria Têxtil – boletim informativo* II série, n.º 1, p.9-10

DOMINGUES, Álvaro, & MARQUES, Teresa (1987) “Produção industrial, reprodução social e território: Materiais para uma tentativa de abordagem do Médio Ave”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 22 : pp.125-141

DOMINGUES, Álvaro (2008) “Transgénicos” in TAVARES, André & OLIVEIRA, Ivo (eds.) (2008): pp.27-33

DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora.

FERNANDO, Aurélio (1994) *Riba D'Ave em Terras de Entre-Ambas-as-Aves*. II vol. Riba de Ave: ed. Biblioteca do Externato Delfim Ferreira.

FONSECA, Maria Madalena (2001) *A indústria têxtil algodoeira no norte de Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GOUVEIA, António Camões (2007) “Como a cortiça, a cultura ‘vem sempre ao de cima’ traços de um esboço de programação de cultura” in GOUVEIA, António

(coord.) (2007) (pp.100-119)

GOUVEIA, António (coord.) (2007) *Para a história da fundação*. Publicações da Fundação Robinson n.º 0, Maia: Maiadouro.

LANGE, Susanne (2004) “History of style – Industrial buildings, the photographs of Bernd and Hilla Becher” in BECHER, Bernd & BECHER, Hilla (2005): pp.7-18

LANGE, Susanne (2007) *Bernd and Hilla Becher life and work*. Cambridge: MIT Press

LATORRACA, Giancarlo (ed.) (1999) *Cidadela da liberdade*. São Paulo: SESC Pompeia.

LEITÃO, Maria & SARAIVA, Vânia (2012) “Riba D’Ave industrial: Contributo da fábrica Sampaio Ferreira & C.ª Lda. no seu desenvolvimento sócio-económico e urbano.” [Relatório Final, programa de bolsas de investigação na área da cidade e da arquitetura]

MENDES, José Amado, & RODRIGUES, Manuel Ferreira (1999) *História da Indústria Portuguesa: da idade média aos nossos dias*. Nem Martins: Europa-América.

PAIVA, Filipa & FARIA, João (eds.) (2012) *Exposição cidade e arquitectura: Património arquitectónico do século XX: 1910-1974*. Vila do Conde: Lidergraf

PORTAS, Nuno (1986) “Modelo territorial e intervenção no Médio Ave” *Sociedade e Território*, n.º 5 Porto: Afrontamento: pp.8-13

RUBINO, Silvana & GRINOVER, Mariana (orgs.) (2009) *Lina por escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify

SILVA, Cidália (2008) “Dissipar equívocos: saber ver o território contemporâneo” in TAVARES, André & OLIVEIRA, Ivo (eds.) (2008): pp.35-42

SOUTO, José Correia do (1985) *Minha terra e minha musa: Riba de Ave*. Braga: ed. do autor

SOUTO DE MOURA, Eduardo & CORREIA, Graça (2005) *Memória Descritiva*

SOUTO DE MOURA, Eduardo; CORREIA, Graça (2005) “Espaço Robinson – do passado para o futuro” in GOUVEIA, António (coord.) (2007): pp.68-81

TAVARES, André & OLIVEIRA, Ivo (eds.) (2008) *Arquitectura em lugares comuns: Ideias e projectos para o Vale do Ave*. Porto: Dafne Editora

TÁVORA, Fernando (2006) *Da organização do espaço*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

VENTURA, António (2007) “Para uma cronologia da Fábrica Robinson 1848-1969”
in GOUVEIA, António (coord.) (2007): pp.8-23

Autoria e proveniência das imagens:

- 1| © Museu da Indústria Têxtil
- 2-10| © Fundação Narciso Ferreira, disponível em: www.fnarcisoferreira.org
- 11| © JT
- 12| © Museu da Indústria Têxtil, boletim informativo II série, n.º 1, p.10
- 13| © ArchiAve, disponível em: www.archivave.weebly.com
- 14| © Fundação Narciso Ferreira, disponível em: www.fnarcisoferreira.org
- 15| © Jornal do Ave 11 de Maio 2016, disponível em: www.jornaldoave.pt
- 16| © JT
- 17-20| © Espaço arquitectura
- 21| © Eduardo Souto de Moura & Graça Correia
- 22| © JT
- 23-24| © Eduardo Souto de Moura & Graça Correia
- 25-35| © JT
- 36| © Bernd & Hilla Becher 1972
- 37| © Eduardo Souto de Moura
- 38| © Bernd & Hilla Becher 1968
- 39| © JT
- 40| © Lina Bo Bardi, Instituto Lina BO e P.M. Bardi
- 41| © Manuel Graça Dias
- 42-60| © JT
- 61| © Espaço arquitectura
- 62| © Jornal Público 25 de Outubro 2012, disponível em: www.p3.publico.pt
- 63-65| © JT

